

ALCÍDIA MARIA RAMOS

TEMA:

**O QUE SE PASSA COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA NO NÍVEL SECUNDÁRIO?**

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

ISE – 2006

ALCÍDIA MARIA RAMOS

TEMA:

**O QUE SE PASSA COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA NO NÍVEL SECUNDÁRIO?**

**TRABALHO CIENTÍFICO APRESENTADO NO ISE PARA OBTENÇÃO DO GRAU
DE LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES, SOB
A ORIENTAÇÃO DA**

DRA. ONDINA FERREIRA, DOCENTE DESTA INSTITUIÇÃO

Praia, Setembro de 2006

TEMA:

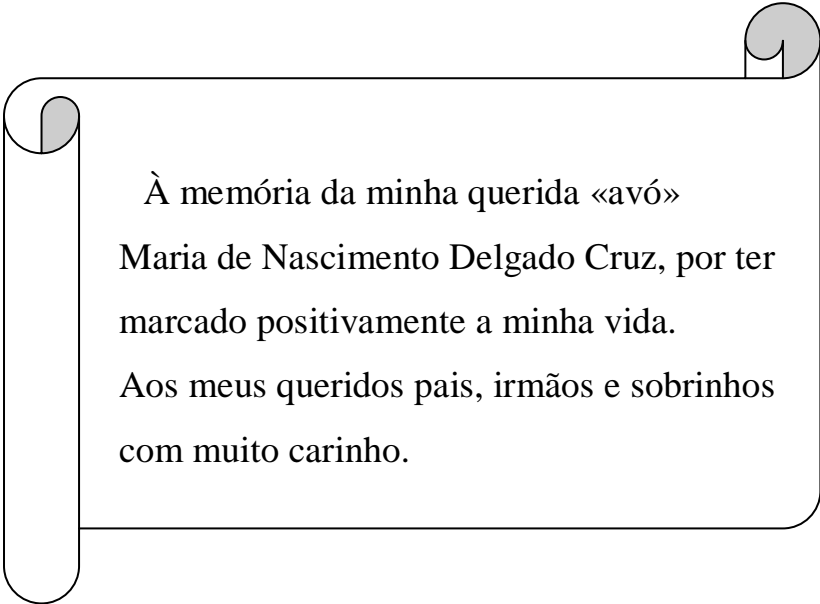
**O QUE SE PASSA COM O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO NÍVEL SECUNDÁRIO?**

Trabalho Científico apresentado ao Instituto Superior de Educação, aprovado pelos membros do Júri e homologado pelo Conselho Científico, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses.

O JÚRI:

Praia, / / 2006

DEDICATÓRIA



À memória da minha querida «avó»
Maria de Nascimento Delgado Cruz, por ter
marcado positivamente a minha vida.
Aos meus queridos pais, irmãos e sobrinhos
com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho constitui o culminar de um percurso de cinco anos de muita luta e de muito sacrifício. Daí, que o momento seja oportuno para se fazer um balanço daquilo que foi essa longa caminhada, traçar planos para o futuro mas sem nunca esquecer de todos aqueles que me são muito queridos e de que de uma forma ou de outra, deram o seu valioso contributo, para que eu conseguisse atingir hoje, mais esse patamar da minha vida pois, por maior que seja a superioridade do homem, sozinho, ele não consegue chegar a lado nenhum.

Por este motivo, sinto-me no dever de deixar aqui, algumas palavras de amizade, de profundo reconhecimento e de agradecimento a todos aqueles que sempre acreditaram em mim e torceram para o meu sucesso mas particularmente a todos aqueles que incondicionalmente contribuíram para que este trabalho que ora apresento fosse hoje esta realidade.

Assim, começo por agradecer a Deus, meu companheiro de todas as horas e a quem eu vou sempre buscar forças para ultrapassar todos os momentos da minha vida e aproveito para lhe pedir que me ajude a ter um papel útil na construção do saber dos meus alunos, pois só assim terá valido a pena todo o meu esforço, toda a minha entrega e toda a minha dedicação ao longo destes cinco anos.

Seguidamente, as minhas palavras de gratidão e apreço vão especialmente para a minha querida professora e orientadora, Dra. Ondina Ferreira, pelo carinho e atenção com que sempre me recebeu (mesmo nos momentos em que se encontrava muito atarefada), pelo apoio que me deu ao longo deste trabalho tendo mesmo que sacrificar as suas preciosas férias para me ajudar e pelas palavras de incentivo e encorajamento nos momentos em que os ânimos me ameaçavam abandonar. Com ela aprendi muito e, por isso, as minhas palavras de gratidão são infinitas.

A minha família também está sempre muito presente em todos os momentos da minha vida e apesar da distância, fez de tudo para que eu não me sentisse sozinha e desamparada nessa longa caminhada. Por isso, é com muito afecto que deixo aqui os meus agradecimentos ao meu querido pai Nicolau Tolentino Ramos pelo seu apoio, principalmente durante o curso e por me ter mostrado através do seu exemplo, que na vida só se consegue o triunfo com muito

empenho e muita dedicação; à minha querida mãe Da Luz Ramos pelo seu amor e dedicação e por saber que posso contar sempre com ela; às minhas queridas irmãs Magui, Zézinha e Lena, especialmente à minha irmã Magui, pois se hoje consegui chegar até aqui foi porque ela também contribuiu para que isto acontecesse; aos meus irmãos António e Nelson; aos meus adorados sobrinhos, à minha prima Sónia e aos meus cunhados.

As minhas palavras de gratidão estendem-se também aos meus amigos, principalmente aqueles que estiveram mais perto de mim durante estes cinco anos pois a nossa relação de amizade foi tão estreita que por vezes eu vi neles as pessoas da minha família. São eles, Mirandolina e sua família, Luísa e sua família, Arsénio Delgado mas principalmente Luci Neves e Naldino Delgado.

Aos meus queridos compadres Luci Cardoso e Nelson Santos, o meu profundo agradecimento pelo grande apoio e amizade.

Aos meus estimados alunos, o meu muito obrigado por terem valorizado sempre o meu trabalho e por me terem compreendido nos momentos mais difíceis, em que eu não consegui dispensar toda a atenção que eles necessitavam.

Por último, mas não por serem os menos importantes, gostaria de agradecer a todos os meus colegas de Curso, por tudo o que passamos juntos; a todos os meus professores do ISE, por tudo o que eu aprendi com eles; a todos os meus colegas do projecto Tronco Comum da Alfabetização, pela convivência e troca de experiências durante esses cinco anos, a todos os professores e alunos de algumas escolas secundárias da Praia e de São Vicente que me ajudaram na distribuição, preenchimento e recolha dos questionários que serviram de suporte para este trabalho e ainda ao Marcos da Graça pelos arranjos finais do trabalho.

Sem vocês, nada teria sido possível. Por isso, **Muito Obrigada** a todos!

**«A Língua Portuguesa é branda para deleitar, grave para engrandecer,
eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver e acomodada
às matérias mais importantes da prática e da escritura».**

Francisco Manuel de Melo

Escritor português

Séc. XVII

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CABO VERDE.....	5
CAPÍTULO II – À VOLTA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SECUNDÁRIO	7
2.1 A problemática do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino secundário	7
2.1.1 Breve análise dos programas de Língua Portuguesa do ensino secundário.....	9
2.1.1.1 Programa do primeiro ciclo (7º e 8º anos).....	9
2.1.1.2 Programa do segundo ciclo (9º e 10º anos).....	12
2.2 Breve análise dos manuais de Língua Portuguesa do ensino secundário.....	13
2.2.1 Manual Hespérides do primeiro ciclo (7º e 8º anos).....	14
2.2.2 Manual de Língua Portuguesa do 9º ano.....	16
2.3 Breve análise de algumas aulas observadas numa turma do 9º ano.....	18
2.3.1 Síntese das aulas observadas.....	18
2.3.2 Análise das aulas observadas.....	22
CAPÍTULO III – INQUÉRITO.....	24
3.1 Inquérito a professores e alunos do ensino secundário.....	24
3.1.1 Inquérito a professores de Língua Portuguesa (tratamento dos dados).....	24
3.1.2 Inquérito a professores de História (tratamento dos dados).....	37
3.1.3 Inquérito a alunos do ensino secundário (tratamento dos dados).....	41

CAPÍTULO IV - SUGESTÕES DE ACTIVIDADES LÚDICAS PARA O ENSINO	
DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	59
CONCLUSÃO.....	64
BIBLIOGRAFIA.....	67

INTRODUÇÃO

O trabalho final, tal como definida nos documentos do ISE (Instituto Superior de Educação) que o regem, tem como finalidade primeira, a obtenção – com a sua apresentação e defesa – do grau de licenciado em Letras.

Por outro lado, trata-se de um trabalho que enforma alguma pesquisa subjacente.

Estas são as primeiras razões que justificam a apresentação deste trabalho cujo tema é «O que se passa com o processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no nível secundário?»

«É que a disciplina da Língua Portuguesa ocupa lugar cimeiro no elenco curricular nacional e permanece em todo o percurso escolar do aluno. Desde o ensino básico, passando pelo secundário indo até à formação post-secundária e superior no país. A Língua portuguesa está presente em todos os ciclos da escolaridade, dos cursos, das formações e das especialidades como matéria de estudo obrigatória».

«A afirmação da Língua Portuguesa em Cabo Verde, como língua de comunicação efectiva, com uma oralidade actuante e real, falada coloquial e informalmente, depende muito do que se faça na Escola; depende também, e muito, da forma como a sociedade, os media, dela se apropriem e se apropriarem.» (O Ensino da Língua Portuguesa – O Caso de Cabo Verde – XIV Encontro da AULP, São Paulo, Brasil – 2004)

Para além disso, razões de vária ordem, prendem-se e justificam a minha escolha. De entre elas, destaco algumas de ordem profissional e de ordem pessoal:

1. A problemática da Língua Portuguesa está intimamente ligada à minha formação e à minha profissão – professora da disciplina de Língua Portuguesa.
2. Pelas interrogações que tenho colocado a mim mesma, ao deparar, em várias ocasiões e situações que, regra geral, os alunos do ensino secundário, não gostam ou, no mínimo, não apreciam como deveriam, a disciplina, chegando mesmo a proferir expressões tais como as que passo a exemplificar:

➤ *«Eu detesto Língua Portuguesa!»*

- «*Língua Portuguesa é muito complicada. Tem muitas regras.*»
- «*As aulas de Língua Portuguesas são «mortas».*»
- «*Língua Portuguesa é muito abstracta.*»
- «*É uma disciplina muito aborrecida.*»

Entre outras expressões que se escutam no dia-a-dia das aulas, na generalidade das escolas secundárias.

3. Por uma questão pessoal que é para mim de muita importância que é o facto de possuir um grau elevado de sensibilidade pela questão e um gosto também grande que nutro pela Língua Portuguesa.

Por esses motivos apontados, julguei que seria de extrema importância que se fizesse uma reflexão sobre a forma como a Língua Portuguesa vem sendo ensinada nas escolas secundárias do país, pois só assim teria a oportunidade de reflectir sobre os problemas detectados e quem sabe poder também contribuir, ainda que modestamente, para a resolução dessa problemática que a todos nós, responsáveis pelo ensino da Língua Portuguesa, aflige e diz respeito.

Assim, tendo em conta essas situações interrogadas e colocadas atrás, quis perceber aquilo que realmente está a acontecer no ensino secundário, com relação ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Daí ter traçado para este trabalho as seguintes perguntas de partida:

1. Por que razão no final de doze anos de escolaridade, muitos alunos não dominam, sequer razoavelmente, a Língua Portuguesa em termos da oralidade e da escrita?
2. Por que motivo muitos alunos do ensino secundário não têm Língua Portuguesa como disciplina preferida?
 - 2.1. Se isso está a acontecer na realidade, a quem atribuir as responsabilidades?
 - Aos programas?
 - Aos professores?
 - A metodologia de ensino?
 - Ao sistema?
 - Ao aluno?

3 - Qual a verdadeira situação entre aquilo que é considerado «ideal» daquilo que realmente acontece no ensino secundário em relação ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa?

4 - O que deve ser feito para melhorar o ensino da Língua Portuguesa no ensino secundário?

5 - Como motivar os alunos para uma real aprendizagem e gosto pela Língua Portuguesa?

Os objectivos gerais:

- a) Conhecer o verdadeiro estatuto e o papel que a Língua Portuguesa ocupa no nível do ensino secundário.
- b) Tentar saber o porquê do «bloqueio» que os alunos do ensino secundário revelam na oralidade e na escrita da Língua Portuguesa.
- c) A partir da escola e do ensino que se faz nela da Língua Portuguesa, deduzir a fraca «performance» do jovem falante cabo-verdiano com a língua segunda.

Os objectivos específicos:

- a) Identificar as razões que levam muitos alunos do ensino secundário a não terem Língua Portuguesa como disciplina preferida.
- b) Analisar a situação do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino secundário, tomando como estudo/caso as respostas dadas no inquérito por alguns professores de Português e de História, e por alunos do ensino secundário.
- c) Inventariar algumas estratégias que possam motivar os alunos do ensino secundário para a aprendizagem e para a prática da Língua Portuguesa.
- d) Tentar encontrar soluções para a melhoria do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no ensino secundário.

Para a realização deste trabalho, utilizei a seguinte metodologia:

- Observação de algumas aulas.
- Entrevistas a alguns professores de língua Portuguesa de algumas escolas secundárias da Praia e de São Vicente.
- Entrevistas a alguns professores de História pois de certa forma é uma disciplina que está intimamente ligada ou interdependente da Língua Portuguesa.
- Entrevistas a alguns alunos do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade.
- Análise de documentos que abordam a problemática do ensino – aprendizagem da Língua Portuguesa.
- Análise dos programas pertencentes ao primeiro e segundo ciclos do ensino secundário.
- Análise dos manuais do 7º, 8º e 9ºanos.

CAPÍTULO I - BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CABO VERDE

A Língua Portuguesa faz parte do grande sistema de comunicação em Cabo Verde. Terá vindo no século XVI, quando os navegadores descobridores chegaram às ilhas; eventualmente terá sido a primeira língua ouvida e falada em solo cabo-verdiano. Hoje, é língua do ensino e de combate ao analfabetismo, língua de desenvolvimento, língua de informação e formação científica tecnológica; é também língua de administração, do meio académico, da comunicação social e sobretudo língua / código da escrita em Cabo Verde. Daí que a sua importância, entre nós, seja incontornável.

Vale também dizer que a Língua Portuguesa é ainda o veículo linguístico que permite ao cidadão cabo-verdiano estabelecer diálogo com as sociedades e povos diversos, pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP, com os quais mantém laços de proximidade cultural e históricos.

A nossa Constituição consagrou-a como Língua Oficial. No articulado do Artigo 9º da Constituição vem assim enunciado: *«promover o domínio da língua portuguesa, reforçando a capacidade de expressão oral e da escrita do aluno...»*

Os documentos do sector da Educação definiram-na como Língua Segunda e como língua veicular do sistema de ensino nacional pois a Lei de Bases do Sistema Educativo, ao fazer a fundamentação curricular das disciplinas e das matérias presentes em todo o percurso escolar, destaca a Língua Portuguesa da seguinte forma *«a Língua Portuguesa tem um estatuto especial em Cabo Verde. É a língua oficial do país e como tal língua segunda relativamente à língua cabo-verdiana. O estatuto da língua portuguesa em Cabo Verde é por isso o primeiro argumento a favor da sua permanência como matéria de estudo em todos os níveis de ensino e da importância que ela adquire no quadro das disciplinas que constituem o plano de estudos ao longo dos ciclos e dos anos de escolarização.»*

A Língua Portuguesa é um instrumento da maior importância no desenvolvimento cognitivo intelectual da criança cabo-verdiana no processo de escolarização e a partir dos seis anos de idade. Logo, a Língua Portuguesa, como veículo de comunicação, de interpretação conceptual

e de aquisição de conhecimentos do estudante cabo-verdiano é também e acima de tudo uma linguagem a adquirir com criatividade, com dinamismo linguístico e com lógica pois, de acordo com Ana Maia Ribeiro dos Santos e Maria José S. Balancho, no seu livro «A Criatividade no Ensino do Português», *«A linguagem é, acima de tudo, «comunicação». É pela «palavra» que os homens se dão a conhecer uns aos outros, exprimem os seus sentimentos e ideias, preferências e dúvidas, trocam contestações e acordos, se enriquecem mutuamente.*

Comunicamos para nos fazermos compreender, mas também para nos compreendermos a nós próprios. A linguagem vira-nos para o mundo exterior e exprime a nossa própria dimensão representativa do real, que será tanto mais fiel, quanto maior for o nosso domínio linguístico.

A linguagem tem ainda uma função de ordem estética, na medida em que cada língua possui um ritmo próprio, determinadas sequências de sons, cuja musicalidade intrínseca desperta o mundo dos sentidos. Paralelamente, o esquema estrutural de cada língua é um sistema autónomo de relações interiores que obedecem a regras específicas dum código figurativo de que o nosso pensamento convergente se vai apoderando progressivamente.

E, assim, a linguagem tem também uma função lógica.»

CAPÍTULO II

À VOLTA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SECUNDÁRIO

2.1. A PROBLEMÁTICA DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA NO NÍVEL SECUNDÁRIO (SITUAÇÃO ACTUAL)

O estatuto que a Língua Portuguesa ocupa em Cabo Verde é uma das primeiras razões que favorece a permanência dessa mesma língua como matéria de estudo no ensino secundário e quiçá justifica a sua importância entre as disciplinas que fazem parte do currículo dos três ciclos de escolaridade secundária.

Tendo em conta a situação acima referida, era de se esperar que no ensino secundário, aos alunos fossem dadas oportunidades para que desenvolvessem a sua capacidade oral e escrita em Língua Portuguesa, através de suportes e de metodologias adequadas a um ensino da língua viva. Deste modo, os alunos concluiriam o ensino secundário possuindo uma base sólida em termos de comunicação oral e escrita em Língua Portuguesa, que lhes permitiria interpretar, analisar e organizar a informação nessa mesma língua e ainda comunicar, utilizando registos de língua diferentes em situações diversificadas.

Porém, a realidade actual mostra-nos que isso não está a acontecer pois, inúmeras são as dificuldades que os alunos do secundário enfrentam em relação à disciplina de Língua Portuguesa e muitos terminam o terceiro ciclo sem ainda dominarem razoavelmente a mesma língua em termos da oralidade e da escrita.

É claro que algo está errado e torna-se necessário tomar medidas para melhorar a situação actual da Língua Portuguesa no ensino secundário com vista a atribuir-lhe o verdadeiro estatuto e importância que ela deve ter no ensino em Cabo Verde.

Vejamos, na perspectiva de Camilo Barbosa Levy Medina, na sua tese de Mestrado «Um olhar sobre o ensino do Português em Cabo Verde como língua segunda» (pags. 6 e 7), algumas das razões que poderão estar na origem dos problemas enfrentados no ensino da Língua Portuguesa no secundário:

«Os professores que não são de línguas limitam-se a trabalhar os conteúdos das suas disciplinas não se importando com a questão linguística. Não vêem como tarefa deles a questão de aspectos inerentes ao uso da Língua Portuguesa para a expressão dos significados concernentes aos seus conteúdos específicos. A utilização correcta da Língua Portuguesa é considerada tarefa dos professores de Português. Assim sendo, grande parte dos colegas que leccionam outras disciplinas não se dão ao trabalho de corrigir, nos trabalhos dos alunos, erros ortográficos, caligrafia mal feita, mormente para se preocuparem com outros aspectos que eles precisam para alcançar sucessos nas outras disciplinas.»

«Os programas do ensino secundário durante muito tempo se limitaram simplesmente a uma listagem de conteúdos de natureza gramatical e temático. Os conteúdos temáticos não tinham em conta a realidade do aluno. Eram temas de natureza sócio-cultural e histórico-literária que eram trabalhados nos manuais dos alunos, na base de compilação de textos extraídos de obras literárias de autores dos diferentes países de Língua Portuguesa. Praticamente, o professor se limita, na sala de aula a materializar a listagem de conteúdos elaborada a partir do programa. Assim, a prática do ensino da Língua Portuguesa se concentra apenas na sistematização dos conteúdos linguísticos, nas leituras de textos, no tratamento de alguns temas orais e/ou escritos. Isso poderá dar ao aluno alguma competência linguística, faltando-lhe a competência comunicativa. Ou seja, o aluno termina o ensino secundário sem o nível proposto nas modalidades de uso da língua, nomeadamente, ouvir, falar, ler e escrever.»

«Nas reuniões de coordenação (encontro semanal obrigatório de duas horas entre os professores da mesma disciplina), um espaço privilegiado para troca de ideias, experiência e planificações de aulas, os professores limitam-se apenas a apontar os conteúdos linguísticos e temáticos para serem trabalhados durante a semana.»

Os professores de Português do ensino secundário reconhecem que no tocante ao ensino – aprendizagem da Língua Portuguesa, os resultados não são satisfatórios e apontam várias razões para o que está a acontecer. Mais à frente neste trabalho, abordarei esta questão.

Das inúmeras razões apontadas pelos professores, destacam-se os programas que têm servido de base ao ensino da disciplina (Língua Portuguesa) pois na óptica deles, esses programas

apresentam algumas falhas e necessitam de alguma remodelação. Farei de seguida, uma breve análise dos programas do primeiro e do segundo ciclos.

2.1.1 BREVE ANÁLISE DOS PROGRAMAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO SECUNDÁRIO

2.1.1.1 Programa do 1º ciclo (7º e 8º anos)

Segundo o programa (págs 4 e 5), no final do primeiro ciclo, os alunos deverão atingir os seguintes objectivos:

Ao nível das capacidades:

- *«Produzir mensagens orais e escritas adequadas a cada situação específica de comunicação e utilizando técnicas apropriadas;*
- *Expressar-se com propriedade e exactidão a nível vocabular e gramatical;*
- *Desenvolver estratégias pessoais de recepção de mensagens orais e escritas;*
- *Construir textos escritos, nas suas diversas formas, exercitando estratégias e processos mentais e linguísticos-discursivos eficazes;*
- *Proceder a diversos tipos e níveis de leitura de textos, aplicando estratégias de construção, reformulação e avaliação do significado;*
- *Recorrer sistematicamente a fontes orais e escritas e a instrumentos auxiliares de trabalho (dicionários, enciclopédias, prontuários...), nomeadamente para resolver problemas e dificuldades de aprendizagem.*

Ao nível dos conhecimentos

- *Conhecer elementos e factores actuates nas diversas formas do processo de comunicação;*
- *Identificar as condições de uma comunicação eficaz e os problemas que a podem afectar;*
- *Reconhecer na mensagem as diferentes funções de linguagem;*

- *Relacionar diferentes funções da linguagem com as diferentes componentes do acto comunicativo;*
- *Identificar diferentes registos de língua;*
- *Adquirir um vocabulário variado e adequado às suas necessidades comunicativas;*
- *Explicitar regras básicas do código escrito e identificar os recursos linguísticos subjacentes á sua organização.*

A nível das atitudes

- *Experimentar formas de trabalho indutoras de hábitos de pesquisa;*
- *Utilizar a Língua Portuguesa de modo desinibido e desenvolto;*
- *Valorizar o domínio da L.P como meio de acesso à informação, ao conhecimento/herança cultural e de abertura ao mundo;*
- *Interiorizar hábitos de leitura e escrita na satisfação de necessidades de informação, expressão e fruição pessoal.*

Infelizmente e como verificação geral das escolas secundárias, é que no final do primeiro ciclo, a maior parte dos alunos não apresenta o perfil traçado pelo programa, situação que tem provocado alguns transtornos, visto que ao iniciarem o segundo ciclo, os alunos não apresentam ainda os requisitos necessários para compreenderem os conteúdos contemplados no programa desse ciclo e se o professor optar por colmatar as lacunas existentes, ficará quase um programa por ser cumprido. Tudo isso é prova de que algo está mal e que é necessário fazer também algo para alterar essa situação.

Um dos aspectos do programa que poderá causar algum constrangimento aos professores da Língua Portuguesa, é o facto de não existir uma divisão em termos de objectivos e conteúdos programáticos para o 7º e o 8º anos, sendo os mesmos apresentados numa única sequência. Neste caso, o professor fica sem saber ao certo quais os conteúdos que deverá trabalhar com os alunos em cada um dos anos (7º e 8º) e por outro lado trabalha com o 7ºano sem saber que objectivos os alunos deverão adquirir especificamente no final deste ano de escolaridade pois isso não está no programa.

Nas páginas 5 e 6 do programa, a opção pela formulação de objectivos para o conjunto dos dois anos que constituem o primeiro ciclo, aparecem justificados da seguinte forma: «A opção

pela formulação de objectivos para o conjunto dos dois anos que constituem o 1º ciclo do Ensino Secundário é imposta por várias razões, entre as quais destacamos como fundamentais:

- *O entendimento de que o conjunto dos dois anos constitui um tempo mínimo significativo para a aprendizagem de uma língua;*
- *O carácter intrínseco do T.C., isto é, o seu sentido como um todo que se abre para diversas saídas;*
- *A adopção da «concepção de currículo descentralizado, baseado na escola, ou seja, construído pelos professores, alunos, pais e comunidade e que privilegia a aprendizagem do pensar e do agir através de situações e de actividades dentro e fora da escola».*
- *Deste modo, assegura-se a flexibilidade do currículo e liberta-se a acção do professor;*
- *Não impondo, de fora, objectivos específicos para cada um dos anos;*
- *Apresentando uma estrutura global de conteúdos;*
- *Deixando ao critério do professor a escolha de estratégias e actividades, a partir de um leque de possibilidades, a actualizar em função de critérios pertinentes.»*

Em termos de conteúdos programáticos e dos objectivos preconizados, o programa orienta os docentes para alguns aspectos como sejam a forma como devem conduzir a aprendizagem da gramática, como devem conduzir os alunos para adquirirem a competência da escrita, como devem tratar os erros, como deve ser feita a avaliação, entre outros aspectos. Isso pode ser tido como um dos aspectos positivos do programa.

Um outro aspecto positivo do programa prende-se com o facto do mesmo sugerir algumas actividades interessantes que poderão ser aproveitadas pelos professores para trabalhar a leitura, a oralidade e a escrita e, consequentemente, desenvolver no aluno, o gosto e a apetência para a fala e para a escrita da língua.

Porém, muitos professores têm criticado o programa por acharem que os conteúdos programáticos são excessivos, o que provoca alguns constrangimentos visto que há uma pressão por vezes constante da obrigatoriedade de se cumprir os itens programados. Logo, faz com que eles não tenham tempo para a realização de actividades outras com a língua como

por exemplo, as actividades lúdicas com os alunos ou então para a utilização de meios diferentes como os audiovisuais, pois que são aspectos importantes que deviam ser tidos em conta.

Da mesma forma existem as opiniões dos alunos sobre os programas. Uns opinam que os conteúdos se repetem ano após ano, sempre os mesmos, ou pouco diferentes. Outros acham que os programas deviam contemplar conteúdos mais interessantes.

2.1.1.2 Programa do 2º ciclo (9º e 10º anos)

De entre os vários objectivos traçados no perfil de saída do aluno do 10ºano, destaco os seguintes:

- *«Conhecer o funcionamento oral e escrito da Língua Portuguesa e as regras desse funcionamento;»*
- *«Conhecer as condições de uma comunicação eficaz, em situações diversificadas;»*
- *«Usar correctamente as regras de funcionamento da Língua Portuguesa;»*
- *«Saber organizar, interpretar e analisar a informação;»*
- *«Manter uma comunicação eficaz, em situações diversificadas;»* (Programa do 2º ciclo, pag. 1)

De salientar que aquilo que se tem vindo a verificar no seio das escolas secundárias é que ao terminarem o 10º ano, grande parte dos alunos não apresenta o perfil traçado no programa desse ciclo pois tem-se detectado inúmeras dificuldades nesses alunos a nível da oralidade, da compreensão e da escrita, uma vez que muitos não conseguem, nesta fase, usar correctamente as regras de funcionamento da Língua Portuguesa. Não conseguem organizar, interpretar e analisar a informação e por vezes não conseguem utilizar com eficácia a língua em situações diversificadas.

Perante uma situação idêntica a esta que acabei de referir, os professores que trabalham com o terceiro ciclo enfrentam, por vezes, alguns problemas com esses alunos tendo em conta a falta de base dos mesmos para poderem compreender os conteúdos programáticos do 11º e 12º anos de escolaridade, ou seja, o terceiro ciclo.

Estabelecendo uma comparação entre este programa e o programa do primeiro ciclo (7º e 8º anos), podemos notar que o do segundo ciclo apresenta uma estrutura mais simples do que o do primeiro, não havendo grandes considerações nas páginas iniciais e nem muitas orientações para os professores. Por outro lado, apesar de apresentar os objectivos a serem atingidos pelos alunos no final do ciclo e não no final de cada um dos anos de escolaridade desse ciclo (isso, à semelhança do programa do primeiro ciclo), a nível dos conteúdos programáticos, acontece precisamente o contrário pois neste programa, os conteúdos do 9º e do 10º ano aparecem separados e isso facilita o trabalho do professor pois ele já não terá de adivinhar os conteúdos que deverá trabalhar em cada um dos anos.

Este programa não incide muito sobre a gramática como acontece no programa do primeiro ciclo e na página 3, encontramos a seguinte justificação:

«Num programa de Língua Portuguesa, torna-se obviamente indispensável a intenção de conhecer, aprofundar e dominar o funcionamento da língua. No desenvolvimento vertical dos programas de Língua Portuguesa, a etapa de «tronco comum» (7º e 8º anos) incidiu intensamente nesses aspectos. Considerou-se por isso que seria pouco estimulador voltar a perspectivar o quadro geral do funcionamento da língua. Antes, seleccionaram-se alguns pontos que deverão ser aprofundados com vista ao seu domínio efectivo.»

No tocante às actividades propostas neste programa, são pouco claras e algumas pouco motivadoras para o ensino de uma língua viva.

2.2 BREVE ANÁLISE DOS MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO SECUNDÁRIO

Neste capítulo, pretendo fazer uma breve análise do manual «Hespérides» do 7º e 8º anos de escolaridade como também do manual de Língua Portuguesa do 9º Ano, os actuais e únicos existentes no Ensino Secundário. É claro que a minha intenção não é fazer uma análise exhaustiva dos mesmos pois conheço as minhas limitações no que respeita ao assunto. *«As áreas de estudo sobre o manual escolar são muito complexas e diversificadas, uma vez que este recurso didáctico realiza funções culturais, ideológicas, pedagógicas e de produto de consumo, representa um ponto de ligação entre a família e a escola, e figura como um instrumento de trabalho central na sala de aula (Apple, 2002; Castro e tal., 1999; Choppin, 1999; Güemes Artiles, 1998; Johnsen, 2001). Todavia, a sua função primordial é «dar certa*

forma ao conhecimento, «forma» no sentido de selecção e hierarquização do chamado «saber»» (Souza, 1999). Portanto, torna-se evidente a abrangência e a diversidade de áreas de estudo sobre os manuais escolares, a sua constituição, funções, especificidades e relações com o processo de ensino/aprendizagem.» (Pinto, J.A., Loureiro, (2005), Manuais de Português em Cabo Verde: Que progressão gramatical? Contributos para uma didáctica da língua segunda, pag.55).

De salientar que estes manuais têm sido alvo de muitas críticas negativas, principalmente por parte dos professores de Língua Portuguesa que até já os apelidaram (isto, em relação ao manual do 9º Ano) de «simples compilação de textos» e muitos são aqueles que já pediram a revisão ou até mesmo a substituição dos mesmos por acharem que não são nada apelativos, não contribuindo deste modo para a motivação dos alunos; que não vão ao encontro da realidade do seu público-alvo. Outrossim dizem os seus críticos que possuem poucas imagens e cores, que possuem poucas actividades nomeadamente de escrita, funcionamento da língua e interpretação, que não promovem muito o desenvolvimento da competência comunicativa, que alguns dos exercícios apresentados aparecem de forma descontextualizada, entre outros aspectos.

Certo é que nem tudo deve estar mal, pois que o manual foi feito com algum cuidado pedagógico por autores conhecedores daquilo que estavam a fazer. Para além disso, o manual escolar não pode ser a única fonte onde o professor procura informações para o ensino da língua. Deve ser sim, um, entre os vários recursos disponíveis pois, caso contrário, onde fica a criatividade, a diversidade de materiais e o espírito de pesquisa do professor?

O manual escolar deve ter como finalidade primeira, orientar o professor e os alunos mas nunca deve ser tomado como um produto acabado e finalista em si próprio. Quando, por alguma razão, as propostas do mesmo não satisfazem, cabe ao professor «deixar voar a sua imaginação» e não ficar apenas confinado ao manual. Deve procurar outros meios como sejam artigos de jornais e de revistas, textos de outros manuais, cartas, cartazes, textos produzidos pelos próprios alunos, notícias, relatos, diálogos, fichas, entre outros. Agindo desta forma, os professores estarão contribuindo e de que maneira, para uma real aprendizagem da Língua Portuguesa.

2.2.1. Breve análise do manual Hespérides do primeiro ciclo (7º e 8º anos)

Estrutura do Manual:

1ª Unidade. «Escola: a minha janela aberta para o mar.»

Esta unidade é constituída por textos na sua maioria narrativos (cerca de dez), possuindo ainda um texto de leitura recreativa, dois textos poéticos e um texto em banda desenhada.

Alguns dos textos estão acompanhados de exercícios de interpretação, funcionamento da língua e produção escrita e esses exercícios têm sempre como base esses mesmos textos.

Esta unidade apresenta ainda algumas fichas informativas.

2ª Unidade: «Estória, Estória...»

Nesta unidade, à semelhança da primeira unidade há também uma grande predominância de textos narrativos. Apresenta também alguns textos poéticos, algumas lengalengas, provérbios, adivinhas, charadas, alguns textos não literários como por exemplo notícia e entrevista, exercícios de interpretação, funcionamento da língua e produção escrita e ainda fichas informativas.

3ª Unidade: «Sinto, logo existo»

A terceira unidade apresenta essencialmente textos narrativos e poéticos, actividades de interpretação, funcionamento da língua e produção escrita e fichas informativas.

4ª Unidade: «Poesia e Mistério»

Esta última unidade apresenta na sua maioria, textos poéticos. Apresenta também textos narrativos em número bastante reduzido, exercícios de interpretação, funcionamento da língua e produção escrita e ainda fichas informativas.

Este manual é destinado aos dois anos de escolaridade do primeiro ciclo do ensino secundário ou seja, o 7º e o 8º anos e como não se encontra delimitado até onde os professores devem trabalhar com os alunos do 7ºano e até onde devem trabalhar com os alunos do 8º ano, cada um dos professores de Português (dependendo ou não da coordenação feita nas escolas secundárias) poderá trabalhar os textos de acordo com as suas conveniências, uma vez que tem autonomia para isso, situação que poderá trazer alguns constrangimentos pois um aluno poderá ter professores diferentes nos dois anos de escolaridade e portanto, poderá estar sujeito a trabalhar o mesmo texto mais do que uma vez.

Um outro aspecto que merece aqui a nossa observação, prende-se com o facto de os conteúdos do manual não seguirem a mesma linearidade que os conteúdos apresentados no programa destinado a esses dois anos de escolaridade e logo, o professor não poderá fazer um seguimento linear do manual pois, se fizer isso, correrá o risco de leccionar conteúdos do 7º ano no 8º ano e vice versa. Isso já não seria um constrangimento se houvesse manuais diferentes para esses dois anos de escolaridade.

Quanto aos textos do manual, não existe um equilíbrio em termos de variedades pois a maioria dos textos é literário e com especial destaque para os textos narrativos, uma vez que os textos poéticos aparecem em menor número. De salientar que ao longo do manual não há vestígios do texto dramático e os textos não – literários aparecem também em número bastante reduzido.

O manual apresenta um número razoável de imagens mas são pouco atractivas uma vez que muitos são quadros com figuras, algumas complexas que os alunos não conseguem decodificar sozinhos e por vezes passam a impressão de nada terem a ver com os textos. Por outro lado, não são coloridas pois apresentam três cores apenas: o preto, o rosa e o cinzento e sabemos que a cor tem um papel importantíssimo no seio juvenil.

A nível temático, o manual encontra-se organizado em quatro núcleos de acordo com os temas abordados nos textos e em cada um dos núcleos nota-se a repetição do mesmo tema em vários textos, situação que poderá causar alguma desmotivação nos alunos pois apreciam as novidades e não as repetições.

Um dos aspectos positivos do manual é o facto de apresentar alguns textos muito interessantes em termos de conteúdos (como por exemplo algumas histórias), o que poderá contribuir para o deleite dos alunos.

O manual apresenta também um número bastante razoável de exercícios para a prática da gramática e da escrita.

2.2.2. Breve análise do manual de língua Portuguesa do 9º Ano

Estrutura do manual:

1ª Unidade - línguas em gestação

Nesta unidade, os textos são de carácter essencialmente informativos, aparecendo por vezes um ou outro texto narrativo de escritores africanos de Língua Portuguesa, na sua maioria. Os exercícios de interpretação, funcionamento da língua e produção escrita aparecem em número reduzidos. No fim desta unidade, aparecem algumas fichas de auto-avaliação relacionadas com a leitura dos textos.

2ª Unidade – Língua e sociedade

Esta Unidade é constituída por textos narrativos, alguns textos poéticos e alguns textos não literários como por exemplo, entrevista, regulamentos e artigos de jornais.

Apresenta ainda algumas actividades de interpretação, escrita e funcionamento da língua.

No fim desta unidade aparece também algumas fichas de auto-avaliação.

3ª Unidade: «O homem e a língua»

Esta unidade é constituída essencialmente por textos poéticos e narrativos. Não apresenta nenhuma actividade de interpretação, de escrita ou do funcionamento da língua.

Ao abrirmos o manual, a primeira coisa que nos salta à vista é a linguagem pois conhecendo bem a realidade dos nossos alunos, sabemos que para os do 9º ano que ainda apresentam muitas dificuldades na compreensão daquilo que lêem, a linguagem de certos textos é muito difícil para eles e se o professor não fizer uma boa exploração desses textos, provavelmente o aluno acabará por se sentir desmotivado por causa da complexidade dos mesmos, no nível da linguagem. É certo que ao aluno do 9º ano é-lhe exigido um grau de conhecimentos e de saberes trazidos dos anos anteriores e especificamente, da Língua Portuguesa.

Um outro aspecto, que também não passa despercebido, é a extensão de alguns textos, pois alguns ocupam até mesmo três ou quatro páginas do manual e de antemão sabemos que os alunos não gostam disso. Quanto mais curto for o texto, melhor para eles, pois o que prevalece é a lei do menor esforço e quando o texto é extenso, causa de certa forma alguma desmotivação. Não quero com isto dizer que pessoalmente esteja de acordo. Por vezes, trata-se de contos ou de fábulas que devem ser contados na íntegra. Mas o que é certo é que nem sempre isso é tido em devida conta tanto pelo professor como pelo aluno.

À semelhança do manual do primeiro ciclo, os textos desse manual são, na sua maioria, narrativos. Os textos poéticos estão presentes mas em minoria e aparecem mais na última

unidade. Não existe porém nenhum texto dramático. O género literário prevalece em relação ao género não literário.

As actividades propostas no manual não são abundantes, principalmente no que respeita ao funcionamento da língua e neste caso, o professor tem de recorrer a outros meios para colmatar essa lacuna.

O manual não apresenta muitas imagens e à semelhança do manual do primeiro ciclo, essas imagens apresentam poucas cores (o azul, o preto e o cinzento), que poderá ser um factor de desmotivação para os alunos.

Um dos aspectos positivos do manual, prende-se com o facto de orientar os alunos para a forma como devem fazer a leitura para a compreensão dos textos pois, sabemos que muitos alunos do 9º ano apresentam dificuldades na compreensão daquilo que lêem e com essas orientações, a tarefa da leitura torna-se mais fácil para eles.

Por outro lado, ao longo do manual, os alunos têm a oportunidade de fazerem a sua autoavaliação sobre a leitura que vão realizando dos textos e são livres para tecerem os seus comentários nas folhas do próprio manual. Este aspecto é bastante positivo e digno de realce porque fazendo a sua autoavaliação, o aluno estará a reflectir sobre a forma como lê, podendo deste modo conhecer as suas dificuldades e, juntamente com o professor, arranjar estratégias para vencê-las e claro está que isso terá um grande impacto no sucesso do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

2.3 BREVE ANÁLISE DE ALGUMAS AULAS OBSERVADAS NUMA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO SECUNDÁRIO

2.3.1 Síntese das aulas observadas

Aula nº 1

Data: 17 / Novembro / 2005

Conteúdo: Leitura e interpretação do texto da página 62 do manual: «A idade não perdoa».

Objectivos:

- Compreender o texto da página 62 do manual
- Identificar personagens de acordo com o seu protagonismo;

Desenvolvimento da aula:

Após a saudação dos alunos, o professor narra um pequeno conto tradicional sobre o motivo pelo qual o sol aparece de manhã e se esconde ao fim da tarde.

A pedido do professor, os alunos fazem a síntese da aula anterior, abrem o manual na página 62 e fazem uma leitura silenciosa do texto «A idade não perdoa» extraído da obra «O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo» do escritor cabo-verdiano Germano Almeida.

Após a leitura silenciosa do texto, o professor questiona os alunos sobre aquilo que perceberam do texto e cada um dá a sua opinião.

No momento seguinte, o professor informa aos alunos que vão fazer uma leitura oral do texto. Ele inicia a leitura e pede a um aluno para continuar. Diferentes alunos lêem o texto até ao fim e, de vez em quando, o professor interrompe a leitura para fazer algumas correcções.

Segue-se depois a interpretação do texto através de perguntas feitas pelo professor. O professor chama a atenção dos alunos para a estrutura do texto, mais precisamente para a ausência de parágrafos e de travessões quando as personagens falam. Explica-lhes que essa inovação aparece nos textos de alguns escritores da nova geração que apresentam uma escrita peculiar como é o caso do autor do texto em estudo (Germano Almeida), José Saramago, entre outros. Informa ainda aos alunos que nos textos literários, o autor tem toda a liberdade de infringir as regras da língua.

O professor procura saber a ideia que os alunos têm de personagem principal, secundária e figurante e pede aos alunos para identificarem essas personagens no texto. À medida que os alunos vão identificando as personagens, o professor vai registando essas informações no quadro.

Alunos e professor continuam a interpretação do texto, o professor chama a atenção dos mesmos para a forma como devem tratar as pessoas mais velhas e pede-lhes para identificarem a figura de estilo presente numa das frases do texto. Regista de seguida essa frase no quadro e ao lado escreve a figura de estilo presente na mesma.

No momento seguinte, o professor pede aos alunos para copiarem nos cadernos os registos que se encontram no quadro. A aula fica concluída depois dos alunos escreverem o sumário.

Recursos utilizados: quadro, giz, manual do aluno e cadernos.

Aula nº 2

Data. 18/ Novembro/ 2005

Conteúdo: Figuras de estilo;

Frases complexas: Orações subordinadas adverbiais (temporal, causal, final, condicional, ...).

Objectivos: Identificar figuras de estilo;

Reconhecer orações subordinadas adverbiais;

Desenvolvimento da aula:

O professor saúda os alunos e após uma breve conversa, informa-lhes que nessa aula vão identificar as figuras de estilo presentes no texto que tinham trabalhado na aula anterior. A pedido do professor, os alunos tentam localizar as figuras de estilo e quando cometem um erro, o professor leva-os a reflectirem um pouco sobre o erro de forma a encontrarem a resposta correcta.

Com a ajuda do professor, os alunos identificam diferentes figuras de estilo como por exemplo hipérbole, metáfora, enumeração, eufemismo e personificação. O professor regista essas figuras de estilo no quadro, acompanhadas das respectivas frases e pede aos alunos para copiarem as informações resultantes no caderno.

De seguida, o professor informa os alunos que o segundo momento da aula seria destinado ao estudo das orações subordinadas adverbiais tendo em conta que nas aulas anteriores tinham estudado as orações coordenadas.

Segue-se uma breve revisão (através de perguntas e respostas) sobre frases complexas e orações coordenadas. Ao dizerem que as frases coordenadas são independentes, o professor aproveita para dizer aos alunos que o mesmo não acontece com as orações subordinadas pois estas são dependentes uma das outras e recorre à relação existente entre o chefe e os seus subordinados para exemplificar essa relação de dependência.

O professor apresenta a seguinte frase (relacionada com o texto) no quadro:

«O Sr. Araújo passou 15 dias sem ir ao vaso porque sofria de prisão de ventre.»

Através de perguntas destinadas aos alunos e das respostas dos mesmos, o professor divide a frase em duas orações, a subordinada e a subordinante; identifica com a ajuda de alguns alunos a conjunção que estabelece a ligação entre as duas orações, classifica-as e explica aos

alunos que as orações subordinadas causais exprimem uma circunstância de causa. Apresenta outros exemplos de frases complexas que contenham esse tipo de orações, faz a divisão das mesmas e após a sua classificação, pede aos alunos para copiarem as frases que estão no quadro para o caderno. Antes de terminar a aula, o professor apresenta no quadro exemplos de algumas conjunções e locuções subordinadas causais. Depois dos alunos terem copiado essas conjunções e locuções para o caderno, o professor pede-lhes como trabalho de casa, frases onde pudessem utilizar essas conjunções e locuções subordinadas.

Os alunos registam o sumário nos cadernos e a aula termina.

Recursos utilizados: quadro, giz, manual do aluno e cadernos.

Aula nº 3

Data: 21/ Novembro /2005

Conteúdo: Entrega do teste sumativo.

Leitura e interpretação do texto da pag.57 – «Não deixem morrer as

Palavras»

Noção de arcaísmo.

Objectivos: Reconhecer que as palavras «morrem»

Conhecer algumas palavras que já não são usadas;

Desenvolvimento da aula:

Depois da saudação habitual, o professor tem uma breve conversa com os alunos sobre o fim-de-semana. Diz aos alunos que o seu fim-de-semana não tinha sido muito bom porque o tinha passado a corrigir os seus testes e que os resultados não estavam nada satisfatórios.

De seguida, o professor distribui os testes aos alunos e aproveita para fazer breves comentários sobre algumas respostas incorrectas. De realçar que a correcção do teste tinha sido feita numa das aulas anteriores.

O professor verifica se os alunos fizeram o trabalho de casa que consistia na divisão e classificação de algumas orações subordinadas. Alguns alunos vão ao quadro corrigir o trabalho enquanto os outros ficam atentos à correcção.

O professor pergunta aos alunos se têm alguma dúvida sobre a matéria em foco e ao responderem que não, informa-lhes que mais à frente estudarão outros tipos de orações subordinadas e pede-lhes então para abrirem o manual na página 57 porque vão trabalhar o texto: «Não deixem morrer as palavras»

Após uma leitura silenciosa do texto pelos alunos, o professor questiona-os sobre o assunto do mesmo. Ele explica aos alunos que existem palavras que são menos pronunciadas e que morrem quando deixam de ser usadas. Explica-lhes ainda que na frase «Não deixem morrer as palavras» está presente uma figura de estilo que é o animismo.

No momento seguinte, o professor introduz a noção de arcaísmo (*quando as palavras deixam de ser usadas. Ou porque o objecto deixa de existir ou porque a palavra passa a ter outro significado.*). Apresenta alguns exemplos de palavras arcaicas: «mia, mui, rem, ca, ensandecer...». Os alunos passam os exemplos dados para o caderno.

De seguida, os alunos fazem a leitura oral do texto. O professor inicia e os alunos, um de cada vez e indicados pelo professor continuam a leitura.

Como trabalho de casa, o professor pede-lhes para procurarem o significado de algumas palavras do texto como por exemplo «mausoléu», «jazigo», «cataléptico» ...

Por último, os alunos escrevem o sumário e a aula termina.

Recursos utilizados: quadro, giz, manual e cadernos.

2.3.2 Análise das aulas observadas

Neste ponto, a intenção é analisar as aulas observadas mas tendo como centro de atenção os alunos – principais actores do processo ensino – aprendizagem.

Nas aulas observadas, os alunos apresentaram dificuldades de vária ordem como por exemplo na leitura e compreensão de textos e na utilização oral e escrita da Língua Portuguesa. (De realçar que são alunos do 9º ano).

Na primeira e terceira aulas, os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar dois textos do manual, mas no nível da leitura, as dificuldades detectadas foram preocupantes uma vez que muitos «soletram» em vez de lerem. Apresentam dificuldades na articulação e pronúncia das

palavras e não respeitam os sinais de pontuação, o que faz com que a leitura feita por eles seja imperceptível.

No nível da oralidade, os alunos apresentaram também muitas dificuldades pois não utilizam o conjuntivo quando necessário, empregam as formas verbais de forma errada, não fazem concordância entre o sintagma nominal e o sintagma verbal, na formulação de frases e quase não utilizam os articuladores do discurso. Tudo isso prova a pouca à vontade que eles têm em relação à língua Portuguesa.

Nessas aulas, os alunos não tiveram muita oportunidade de escrever no quadro, mas deu para perceber que muitos apresentam também dificuldades na escrita, uma vez que ao fazer a entrega dos testes, o professor chamou a atenção deles para a forma como escrevem e à medida que os alunos iam copiando as anotações do quadro para o caderno, chamava a atenção dos mesmos para corrigirem algumas palavras que não estavam bem escritas.

CAPÍTULO III - INQUÉRITO

3.1. INQUÉRITO A PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Universo: 9 Professores de Língua Portuguesa

5 Professores de História

18 Alunos (do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade)

3.1.1. Inquérito a professores de Língua Portuguesa

Questões:

- 1. É verdade que o aluno do secundário sabe cada vez menos falar e escrever em Língua Portuguesa?**

Professor A: *«Sim. É verdade. Os alunos hoje sabem falar e escrever a Língua Portuguesa cada vez menos. As razões são várias. Até à Independência Nacional em 1975, os cabo-verdianos tinham orgulho em aprender, falar e escrever bem a Língua Portuguesa. Após a Independência, houve uma inversão de valores e muitos achavam que o português era a língua do colonizador e por isso não devia ser valorizado. A comunicação passou a transmitir programas em crioulo, o número de alunos aumentou nas turmas com a massificação do ensino, as pessoas passaram a ler cada vez menos e em casa é raro ouvir a Língua portuguesa no seio familiar.»*

Professor B: *«Realmente, a maioria dos alunos tem dificuldades em exprimir-se (oralmente ou através da escrita) na Língua Portuguesa. Penso que na escrita a situação é mais alarmante. Na minha opinião, isto acontece porque, no Ensino Básico, se dá mais atenção à oralidade.»*

Professor C: *«Acho que sim, porque tenho notado cada vez mais, maiores dificuldades na leitura e respectiva compreensão. Os erros ortográficos acontecem em número elevado, mesmo depois da preparação dos textos em casa onde os alunos fazem a cópia dos mesmos.*

Muitos há que se inibem e preferem falar em crioulo com o professor, na sala de aula.»

Professor D: *«Em alguns casos sim. Por exemplo, a nível do 8º Ano, verifica-se muitas dificuldades por parte dos alunos em ler, interpretar um texto e também na escrita. Já no 12º*

Ano, as dificuldades são menos.»

Professor E: *«Sim, é verdade. A maioria dos alunos não sabe falar o português e escreve muito mal. Penso que isso se deve em parte à pouca exigência dos professores de todas as disciplinas, inclusive os de Português que muitas vezes permitem que os alunos falem o crioulo na sala de aula*

Também o número dos alunos por salas, não permite ao professor desenvolver o diálogo e acompanhar de forma eficaz, os alunos na turma. Por outro lado, os professores preocupam-se mais com o cumprimento dos conteúdos planificados em vez de trabalharem mais a escrita e a oralidade.

Também é justo dizer que os alunos não querem aprender, não fazem nenhum esforço para falar ou escrever bem a Língua Portuguesa e nesse caso, o professor pouco ou nada pode fazer.»

Professor F: *«Muitos, realmente, manifestam grandes dificuldades no tocante à oralidade e à escrita. Penso que muitas causas estão à volta disso mas saliento a fraca adesão à leitura, permanecendo o aluno preso aos audiovisuais não didáticos como a T.V. que não o ajudam a melhorar a sua capacidade de expressão.»*

Professor G: *«Só fazendo um estudo comparativo entre os alunos do passado e a do presente, eu poderia afirmar ou infirmar sobre esta questão.»*

Professor H: *«Não é bem isso. O problema é que os alunos não ligam e conseqüentemente não estudam.»*

Professor I: *«Não acho que seja essa a questão. Penso que o aluno do secundário tem tido cada vez, menos oportunidades para se expressarem em Língua Portuguesa.*

Se atentarmos ao que se passa nas nossas escolas, chegamos à seguinte conclusão:

Aos alunos não são dadas oportunidades de se expressarem em Língua Portuguesa, a não ser nos testes formais escritos, muitas vezes com expressões que nunca ouviram».

2. Por que razão, regra geral, o português do secundário não é das disciplinas preferidas dos alunos?

Professor A: *«Apesar de ser a disciplina mais importante porque só se consegue interpretar e*

compreender as outras disciplinas se se conhecer minimamente o Português, a verdade é que o Português é preterido a favor de outras disciplinas, tais como Inglês, Matemática, Física, Informática, etc.

Na minha opinião, os alunos são estimulados a aprender as disciplinas que na sua óptica vão ao encontro aos seus sonhos, isto é, às profissões que desejam ter no futuro, nomeadamente Engenharia, Medicina, Economia, Gestão de Empresas, etc. Só que qualquer que seja a profissão escolhida, é necessário dominar bem o Português, para se poder elaborar relatórios, actas e outros documentos inerentes à função escolhida.»

Professor B: *«1ª Razão: Programas extensos.*

2ª Razão: Conteúdos repetitivos.

3ª Razão: Falta de motivação.

4ª Razão: Lidamos com uma camada que não quer

trabalhar (É a lei do menor esforço).»

Professor C: *«Penso que se deve ao facto de os conteúdos programáticos se repetirem ao longo dos vários anos de escolaridade, mesmo que apareçam de forma cada vez mais aprofundada. Assim, os alunos acabam por se aborrecer e pensam que já sabem tudo e por isso acham que não precisam estudar.*

Poucos alunos têm hábitos de estudo do Português, as aulas «são monótonas» e mesmo que o professor queira, não pode se afastar muito das planificações que chegam da Praia, onde, no princípio de cada ano lectivo, é feita uma coordenação a nível nacional.»

Professor D: *«Acho que é devido às dificuldades. Como por exemplo na escrita, na interpretação de textos e mesmo a nível da gramática.»*

Professor E: *« Os alunos acham a Língua Portuguesa «chata», dizem «é sempre a mesma coisa: leitura de textos, estudo da gramática...», coisas que pouco lhes interessa.*

O próprio estatuto da Língua Portuguesa no contexto nacional e internacional não estimula o aluno a aprender. Se a nível nacional, o aluno tem o crioulo que é a língua com que comunica na rua, na «escola», nas instituições, no Parlamento e na comunicação social; a nível internacional, é o inglês que mais o interessa e as razões são óbvias.»

Professor F: *«Uma das razões principais é o facto do professor ter um programa a cumprir*

que vá de encontro à leitura e escrita, actividades essenciais do processo ensino-aprendizagem, pouco apreciadas pelos alunos.»

Professor G: *«Isso não é uma regra geral – penso eu. Alguns alunos têm outras preferências porque querem usar apenas a língua materna em todas as situações.»*

Professor H: *«Muitas vezes depende da forma como é ministrada a disciplina.»*

Professor I: *«Realmente, não só no secundário, o Português não é das disciplinas preferidas dos alunos, por muitas razões.*

Acho que ainda não se conseguiu fazer com que o Português seja ensinado como língua segunda. A maioria dos professores insiste em métodos não atraentes como por exemplo, o expositivo. Outra questão muito importante é aquilo que poucos professores fazem: ensinar o Português com base na experiência dos alunos e do seu meio. Penso que a Língua Portuguesa tem sido ensinada com excessivo pendor teórico.»

3. Na sua opinião, o que está mal:

- **O programa?**
- **Os manuais de leitura?**
- **A metodologia utilizada nas aulas?**
- **Outras razões? Quais?**

Professor A: *«Na minha opinião, os programas precisam ser mais claros, a nível dos objectivos. Os manuais do 2º ciclo, nomeadamente o do 10º Ano, possuem textos muito extensos e isso dificulta a leitura, a compreensão e a análise. No 3º ciclo não existem manuais e a aprendizagem é feita apenas com fotocópias. O número de alunos nas turmas não facilita a tarefa.»*

Professor B: *«Os programas são extensos e as matérias pouco interessantes.*

Os manuais de leitura (quando há) não são aliciantes, nem sempre os textos vão de encontro aos interesses dos alunos.

Talvez a metodologia usada nas aulas não seja a mais adequada.

Outras razões:

Os alunos não vêem as matérias como algo que será aplicado na vida prática. Só estudam para os testes. Não são capazes de ver a disciplina como suporte das outras disciplinas e importante para o seu desenvolvimento intelectual.»

Professor C: «Os programas _ Porque são extensos e com conteúdos que se repetem, ainda que em profundidade diferente.

Os manuais _ Porque não são tão aliciantes, apesar das gravuras e do material de apoio a nível de questionários e de fichas gramaticais.

A «monotonia», no dizer dos alunos, tem de prevalecer já que os programas não dão «espaço» suficiente para que se façam outras actividades como por exemplo: teatro, visitas de estudo, leitura e reconto de histórias, sugestões estas apresentadas pelos alunos, quando inquiridos».

Professor D: (Não respondeu à questão).

Professor E: «Eu acho que nem tudo está mal. Por exemplo, quando entramos em contacto com os programas de Língua Portuguesa, constatámos que têm algumas matérias interessantes que às vezes cativa o aluno se for trabalhado de uma forma também interessante. Mas também, por outro lado, podemos ver que muitos conteúdos repetem-se de ano para ano, sem grandes alterações e isso desmotiva o aluno que todos os anos tem de abordar as mesmas coisas.

Penso que o pior são os manuais de leitura (os que existem) porque no 10º, 11º, e 12º Anos não há manuais e o professor tem que utilizar textos soltos e pedir aos alunos para fazerem cópias, o que nem sempre fazem, tendo o professor que «desenrascar» sem material.

O «manual» do 9º Ano é uma vergonha, se é que o podemos chamar de manual. Eu chamo-lhe compilação de textos. Com imagens a branco e preto, com textos pouco interessantes que quase não falam da nossa realidade. O manual do 9º Ano não tem nada a ver com o programa do mesmo ano.

A nossa metodologia também não ajuda muito uma vez que usamos muito o quadro (muitas vezes o único recurso que dispomos nas nossas escolas). Faltam também materiais de apoio pois às vezes ficamos sem saber como trabalhar muitos conteúdos que aparecem no programa por faltar-nos suportes teóricos que abordem esses assuntos (não sabemos como e

onde encontrá-los).»

Professor F: *«Penso que esse problema vai mais ao encontro da metodologia utilizada nas aulas já que os programas estão bons.*

Quanto aos manuais, estes poderiam ser melhorados com textos mais interessantes para a faixa etária desses alunos. Agora para que os alunos tenham gosto e dedicação, a metodologia terá de ser outra. Há que haver aulas mais criativas, em que o professor dinamize e prenda a atenção do aluno. O professor terá de ter condições ou seja, aulas criativas com «Data show», Retroprojector ou vídeos para prender a atenção dos jovens de hoje convivem com uma tecnologia moderna.»

Professor G: *«O que está mal é a falta de empenho dos alunos e a falta de acompanhamento pelos pais.»*

Professor H: *«O programa condiz com a política do Governo. O governo devia fazer manuais que condissessem com os nossos alunos. Manuais atraentes, com exercícios que chamassem a atenção deles, etc.*

Quanto à metodologia, procuro variá-las, investigando e estudando de forma a criar nos alunos o gosto pela Língua Portuguesa.»

Professor I: *«Acho que o programa é bom, embora precise ser melhorado no que se refere ao doseamento dos conteúdos uma vez que isso pode perturbar os professores que se preocupam muito em cumprir as matérias em detrimento dos objectivos.*

Os manuais são o que são. Sabemos que a cor é muito importante em qualquer situação.

Efectivamente, para mim, o maior problema está nas metodologias utilizadas.

Uma outra questão que deveria ser tida em conta tem a ver com mais incentivo aos professores, maior disponibilidade dos mesmos, entre outras.»

5. Ensina o português como língua viva? Usa os meios audiovisuais (cassetes, Vídeos, canções, etc...) nas aulas de Português?

Professor A: *«Procuro utilizar o Português como língua viva, através de diálogos, dramatização, recitação, etc.*

A utilização de meios audiovisuais é difícil porque não existe material suficiente para atender vários professores simultaneamente.»

Professor B: *«Às vezes.*

Muitas vezes, devido à extensão dos programas, os professores não conseguem utilizar meios audiovisuais. Têm medo de perder tempo e não acompanhar os outros.»

Professor C: *«Sim, ensino o Português como língua viva porque a LP é praticada na aula nas suas várias vertentes.*

Meios audiovisuais não são usados porque não os há, embora já tenham sido pedidos.»

Professor D: (Não respondeu à questão)

Professor E: *«Sim, porque é uma língua viva que está em constante mudança e transformação. Procuro adaptar sempre as minhas aulas às exigências da língua.*

Quanto aos meios audiovisuais, não uso porque a escola onde trabalho não dispõe desses meios.»

Professor F: *«Nem sempre uso o Português como língua viva mas devia.*

Penso que isso, como disse anteriormente é que deixa o aluno interessado. Aulas expositivas em demasia levam o aluno à impaciência e à desmotivação.»

Professor G: *«Não é uma prática frequente tendo em conta as condições das escolas e do país em geral mas, de vez em quando recitamos poemas e até costumamos cantar alguns.»*

Professor H: *«Quase não uso esses meios exactamente pela sua escassez nas escolas mas procuro fazer aulas atractivas de modo a despertar interesse nos meus alunos.»*

Professor I: *«É claro que ensino o Português como língua viva. Quanto aos meios audiovisuais, infelizmente uso apenas canções, isso com muita pouca frequência embora saiba que são muito importantes para o ensino – aprendizagem de qualquer língua.»*

6. Com que frequência usa a Língua Portuguesa (oralidade) no seu quotidiano em que situações?

➤ Formais?

- Informais?
- Com os colegas de trabalho?
- Em família?
- Apenas com um membro da família? Qual?
- Entre amigos?
- Noutras situações?

Professor A: *«Nas aulas uso apenas o Português. Às vezes também utilizo em conversas com determinadas pessoas e em situações formais, nomeadamente apresentação de obras literárias, conferências, etc.»*

Professor B: *«Situações formais, com o meu filho, entre alguns amigos, quando participo em palestras, apresentação de livros, reuniões de carácter religioso e não só, etc.»*

Professor C: *«A L.P. está no meu dia a dia.*

Com os meus filhos, para que o «ouvido» fique em vantagem, mesmo sabendo que as respostas sejam dadas em crioulo.

Nas situações formais e em todas as informais a que me habituei.»

Professor D: *Nas situações formais e com os colegas de trabalho.*

Professor E: *«Eu só uso a Língua Portuguesa no trabalho (mais concretamente na sala de aula) e em situações formais.»*

Professor F: *«Frequentemente uso o Português, pois sou professora de Português.*

Em outros momentos, utilizo o português nas repartições públicas.»

Professor 1: *«Se calhar só em situações formais porque só a utilizo nas salas de aulas e nas reuniões de coordenação.»*

Professor I: *«Relativamente ao uso da Língua Portuguesa, posso dizer que isso acontece em situações formais e algumas vezes outras situações como por exemplo entre amigos que são colegas de trabalho.»*

7. Que sugestões faria à sua escola e ao Ministério de Educação para a melhoria e eficácia do ensino da Língua Portuguesa, língua segunda?

Professor A: *«Ao Ministério de Educação recomendo que sejam revistos os programas do ensino secundário e sejam traçados objectivos claros.*

Os manuais em falta devem ser elaborados para facilitar a tarefa de professores e alunos.

É necessário providenciar reciclagens periódicas para todos os docentes.

A nível das escolas é necessário que haja intercâmbio para troca de experiências e no mesmo estabelecimento deve-se desenvolver temas no sentido de provocar discussões úteis à volta do ensino aprendizagem para melhor capacitação dos professores e criar hábitos de pesquisar e estudar sempre.»

Professor B: *«Programas menos extensos e voltados para actividades práticas, dramatização nas aulas, jornais de parede, criação de histórias, concursos literários, pesquisas e apresentação das mesmas, debates de temas de actualidade, actas, relatórios, visitas de estudos, turmas menos numerosas, mais meios didácticos.*

Professor C: *«Que no Ensino Básico, ao aluno fosse ensinada a Língua Portuguesa como L2, com a prática da oralidade, leitura e escrita;*

Que houvesse material de apoio audiovisual;

Que no secundário recebêssemos alunos com os pré requisitos necessários para uma aprendizagem mais profunda da L.P.»

Professor D: *«Adoptar novas metodologias, estratégias para uma melhor compreensão e aprendizagem da Língua Portuguesa. Isto deverá começar desde o Ensino Básico porque é aí que o aluno deverá adquirir a base.»*

Professor E: *«Levar os alunos a reconhecerem a importância e a necessidade de aprenderem a Língua Portuguesa porque muitos não têm a consciência dessa importância e do papel da Língua Portuguesa para o sucesso dos seus estudos e quiçá para o seu futuro.*

Também, devem adaptar os programas à realidade de Cabo Verde porque os objectivos e os conteúdos programáticos estão num nível superior àquilo que os alunos sabem ou deviam saber. Digo isso porque o programa é feito como se o aluno dominasse bem a Língua Portuguesa.

Creio que é urgente arranjar os manuais e torná-los mais atractivos e interessantes.»

Professor F: *«Seminários sempre, mesas redondas, reflexões por parte dos professores onde pudéssemos estar sempre em contacto com novas informações, novos métodos.*

Trabalhar com as direcções das escolas e criar horários menos rígidos onde os professores pudessem em conjunto com os alunos fazer visitas a Instituições, Museus, Casas de Cultura e Teatro.

Levar a escola para a sociedade e trazer a sociedade para a escola.

Criar «Oficinas de Escrita», recantos nas próprias escolas onde os alunos pudessem exteriorizar as suas ideias e aprender a organizá-las.»

Professor G: *«Criação de condições para a utilização de meios audiovisuais,*

Reciclagem de professores com muitos anos de formação;

Formação continua de professores e uso de manuais voltados á nossa realidade.»

Professor H: *«Sugeria que se arranjassem materiais como aparelhos de som, CDS da escola virtual, manuais interessantes mesmo que não fossem cabo-verdianos, que estimulassem mais os professores de Língua Portuguesa com pequenos seminários, encontros entre os mesmos de vez em quando, etc, etc.»*

Professor I: *«O primeiro passo deve passar pelos professores da disciplina no sentido em que se não estiverem interessados, tudo fica complicado. Isso significa que os professores os professores devem ser incentivados tanto pedagógico, científico e financeiramente para sem desculpas disponibilizarem-se para atingirem os objectivos esperados.*

Outra questão seria, decorrente dos incentivos, dar mais atenção à Inspeção Pedagógica, uma vez que muitos pensam que esta vertente não funciona, nem nas escolas, nem nos Ministérios.»

Análise e tratamento das respostas dadas

Com as respostas do inquérito confirmou-se a impressão que se vem tendo de que os alunos do secundário sabem falar e escrever cada vez menos a Língua Portuguesa. A maioria dos professores de Português entrevistados, afirma que sim pois, segundo eles, a maior parte dos seus alunos apresenta muitas dificuldades em exprimir-se oralmente ou através da escrita em Língua Portuguesa. Apontam variadíssimas razões para isto estar a acontecer. Essas razões são de natureza diversa como sejam:

- O elevado número de alunos por turmas;
- A falta do hábito de leitura por parte dos alunos;
- Demasiada utilização da Língua Crioula nos meios de comunicação social;
- A utilização da língua crioula no seio familiar;
- A falta de base que os alunos deviam adquirir no Ensino Básico;
- Programas do ensino secundário extensos e pouco claros a nível dos objectivos;
- Conteúdos pouco Interessantes;
- Manuais de leitura pouco aliciantes com textos que nem sempre vão de encontro à realidade e interesse dos alunos;
- Falta de interesse por parte dos alunos que não atribuem importância à disciplina e só estudam para os testes;
- Utilização de metodologias inadequadas pelos professores e que não despertam interesse nos alunos;
- Repetição dos conteúdos programáticos de ano para ano.
- Ignorância por parte dos alunos da importância da Língua Portuguesa para o seu desenvolvimento intelectual;
- Falta de manuais no terceiro ciclo, o que implica o estudo à base de fotocópias e que por sua vez implica a falta de materiais tendo em conta que muitos alunos não fazem as cópias;
- Utilização da língua crioula por alguns professores, quando se dirigem aos alunos;
- Pouca exigência por parte dos professores de Língua Portuguesa com os seus alunos;
- Preocupação com o cumprimento dos programas, não restando tempo para a realização de outras actividades com os alunos;
- Carência de materiais didácticos nas escolas capazes de tornar as aulas mais interessantes como por exemplo Data Show, Retroprojectores, Vídeos, DVD, entre outros.

- Falta de criatividade na realização das aulas por parte de alguns professores;
- Falta de acompanhamento por parte dos pais ou encarregados de educação;
- Poucas oportunidades para os alunos se expressarem em Língua Portuguesa;
- Falta de disponibilidade por parte dos professores em fazerem o seguimento activo do grau da aprendizagem dos alunos;

Há quem ache ainda que antes da Independência Nacional, os cabo-verdianos tinham «orgulho em aprender, falar e escrever a Língua Portuguesa» mas que houve uma inversão de valores após a Independência, por acharem que essa língua não devia ser valorizada por ser a língua do colonizador. No entanto há quem seja mais cauteloso e afirme que só fazendo um estudo comparativo entre os alunos do presente e do passado, se poderiam tecer-se comentários sobre o assunto.

Na opinião dos nossos entrevistados, a maior parte dos alunos do secundário não tem a Língua Portuguesa como disciplina preferida por algumas das razões que já foram apontadas anteriormente, nomeadamente a repetição de conteúdos de ano para ano, os programas extensos, a falta de motivação, falta de hábitos de estudo mas também por serem estimulados a aprenderem disciplinas que na sua óptica vão ao encontro das suas aspirações futuras. Ou seja, às profissões que desejam ter no futuro, desconhecendo a importância da Língua Portuguesa para a elaboração de relatórios, e outros documentos inerentes à função escolhida. Foram apontados ainda o facto dos alunos acharem as aulas de Língua Portuguesa monótonas, a falta de base que faz com que tenham muitas dificuldades nessa disciplina, o próprio estatuto da Língua portuguesa no contexto nacional e internacional. O facto de ainda não se conseguir ensinar a Língua Portuguesa como língua segunda, a utilização do método expositivo nas aulas uma vez que a disciplina tem sido ensinada com excessivo pendor teórico e ainda o facto de alguns professores ensinarem a língua sem terem em conta a vivência e as experiências dos alunos.

Ao serem questionados se ensinam a Língua Portuguesa como língua viva, as respostas divergiram um pouco, pois enquanto cinco (5) dos inquiridos afirmam que usam metodologias de língua viva através de diálogos, dramatização, recitação de poesias ou canções; quatro (4) dizem não ser uma prática frequente nas suas aulas, embora tenham a consciência da sua pertinência para o sucesso da aprendizagem dos alunos.

Quanto aos meios audiovisuais, os nove (9) professores inquiridos não os utiliza, ou porque as escolas onde trabalham não dispõem desses meios, ou então, por medo de perderem tempo e ficarem atrasados em relação aos colegas, no cumprimento dos programas.

De forma geral, os professores entrevistados usam a Língua Portuguesa com maior frequência nas salas de aula e em situações formais como sejam apresentação de obras literárias, palestras, reuniões (entre outras), pois dos nove entrevistados, apenas dois utilizam o Português no seio familiar e dois nas repartições públicas.

Na óptica dos entrevistados, muito há que se fazer para a melhoria e a eficácia do ensino da Língua Portuguesa e, por isso, as sugestões foram várias:

- Revisão dos programas de modo a torná-los menos extensos e mais voltados para actividades práticas;
- Que sejam traçados objectivos claros para o ensino da Língua Portuguesa no secundário;
- Elaboração dos manuais em falta;
- Tornar os manuais existentes mais atractivos e mais voltados para a realidade cabo-verdiana;
- Reciclagens periódicas para todos os professores de Português, principalmente aqueles que possuem muitos anos de formação;
- Intercâmbios entre professores de escolas diferentes para troca de experiências;
- Desenvolvimento de temas nos estabelecimentos de ensino de modo a provocar discussões úteis à volta do ensino aprendizagem da Língua Portuguesa;
- Seminários e mesas redondas sempre;
- Estudar sempre e criar de hábitos de pesquisas (relativamente aos docentes);
- Que sejam ministradas aulas vivas com dramatizações, criação de histórias, concursos literários, debates sobre temas da actualidade, apresentação de pesquisas, concursos de leitura, visitas de estudo, elaboração e apresentação de actas e relatórios, criação de jornais de parede, etc.
- Turmas com menos alunos;

- Apetrechamento das escolas com mais materiais didáticos, principalmente os audiovisuais;
- Que no Ensino Básico fosse ensinado ao aluno a Língua Portuguesa como L2, com a prática da oralidade, leitura e escrita;
- Que os alunos fossem para o secundário com os pré – requisitos necessários para uma aprendizagem mais profunda da Língua Portuguesa;
- Não utilização de metodologias tradicionais;
- Incutir nos alunos a importância e a necessidade de aprenderem a Língua Portuguesa;
- Horários menos rígidos para que os professores pudessem ter tempo para organizar visita a Instituições, Museus, Casas de Cultura e Teatros;
- Envolvimento da escola na sociedade e vice-versa;
- Criar oficinas de escrita ou recantos nas próprias escolas onde os alunos pudessem exteriorizar as suas ideias e aprender a organizá-las;
- Criação de condições para a utilização de meios audiovisuais;
- Mais interesse e disponibilidade por parte dos professores de Português;
- Maior atenção à Inspeção Pedagógica;
- Incentivar os professores pedagogicamente, cientificamente e financeiramente.

3.1.2. Inquérito a professores de História

Questões:

1. Como encara a interdisciplinaridade entre a disciplina de História e a disciplina Língua Portuguesa?

Professor A1: *«É pertinente porque a História é escrita em Língua Portuguesa.*

Língua Portuguesa é a base de todas as disciplinas. Mantém interdisciplinaridade com todas.

«É uma interdisciplinaridade necessária na medida em que para organizar bem as ideias e construir frases, é preciso um domínio razoável da Língua Portuguesa.»

Professor B1: *«A interdisciplinaridade entre as duas disciplinas é muito importante porque no ensino da História, Língua Portuguesa serve para complementar e enriquecer os conhecimentos históricos.»*

Professor C1: *«No estudo da História, Língua Portuguesa é imprescindível pois serve para que o aluno possa participar oralmente e na escrita com mais eficiência e cientificidade.»*

Professor D1: *«Essa interdisciplinaridade é necessária pois geralmente os alunos que apresentam dificuldades na análise e compreensão da Língua Portuguesa, apresentam também dificuldades na disciplina de História.»*

Professor E1: *«A interdisciplinaridade entre as duas disciplinas é manifestamente necessária, uma vez que a Língua Portuguesa é o veículo através do qual conduzimos os conhecimentos históricos aos nossos alunos. O saber falar e escrever correctamente são de capital importância para se aprender também correctamente.»*

2. Costuma ter atenção na correcção dos trabalhos escritos dos seus alunos, nos erros cometidos por eles na construção frásica?

Professor A1: *«Costumo ter atenção nos erros cometidos pelos meus alunos e acho que todos os professores deviam fazer o mesmo, tendo em conta que os alunos têm grandes dificuldades na construção frásica. Apenas um número reduzido consegue escrever uma frase sem erros. Normalmente, muitos tentam mas quase nunca fazem concordância entre sujeito e predicado.»*

Professor B1: *«Tenho tido sempre atenção nos erros ortográficos e na organização das ideias dos meus alunos.»*

Professor C1: *«É meu hábito ver os cadernos, os testes e outros trabalhos feitos pelos alunos. Quando dito qualquer frase, procuro colocar as palavras ainda desconhecidas no quadro porque não gosto de erros nos cadernos diários. Costumo até pedir aos alunos para repetirem uma palavra (dez vezes por exemplo) em casa. Os alunos não gostam dessa tarefa porque dá trabalho mas é bom porque «a repetição é a mãe da retenção.»*

Professor D1: *«Sim, costumo ter atenção, mas muitas vezes regista-se uma certa incúria por parte dos alunos em não assimilar as correcções feitas pois alguns alegam o facto de História não ser Língua Portuguesa.»*

Professor E1: *«Tenho sempre em atenção a correcção dos erros cometidos pelos alunos na*

correção dos testes e outros trabalhos. É sempre necessário acautelarmos na correção dos trabalhos dos nossos alunos para que eles mesmos aprendam a valorizar todos os mecanismos do conhecimento e da comunicação.»

3. Sente ou já sentiu alguma vez a necessidade de trocar impressões com o professor de Língua Portuguesa sobre as dificuldades orais e escritas dos seus alunos?

Professor A1: *«Sim, já senti essa necessidade porque os alunos do 10º ano, por exemplo, cometem erros inadmissíveis. Mas os professores de Português queixam-se mais.*

Penso que alguns alunos trazem dificuldades desde a base mas o mal pode estar também nos próprios professores de Português, tendo em conta que muitos só corrigem o conteúdo da frase pois, afirmam que se corrigirem tudo, o aluno não terá «nada» no teste. Na modéstia assim, jamais eles ultrapassarão as dificuldades.»

Professor B1: *Sim.*

Professor C1: *«Sim, tenho falado com os professores de Português sobre as dificuldades dos alunos e eles têm sido abertos. Até já levei esse problema para a reunião com os demais professores. Acho que o grande problema é que os nossos alunos lêem pouco, daí escreverem mal e depois a maior parte dos professores fala com os alunos em crioulo. Assim eles nunca poderão ser bons na oralidade, visto que quando saem da sala só falam o crioulo.*

Eu não falo crioulo com os meus alunos, nem na praia de mar porque eles têm poucas oportunidades para exercitarem a língua portuguesa.»

Professor D1: *«Em alguns momentos já senti a necessidade de falar com alguns professores de Língua Portuguesa sobre o assunto e até já propus alguns aspectos a serem melhorados nos programas dessa disciplina.»*

Professor E1: *«Já falei várias vezes com os professores de Língua Portuguesa sobre as dificuldades orais e escritas dos meus alunos.»*

4. Na sua opinião, que fazer para melhorar para melhorar a apetência, o contacto e a desenvoltura linguística (oral e escrita em Língua Portuguesa) dos seus alunos?

Professor A1: *«Encarregar os alunos de fazerem e apresentarem mais trabalhos de grupo;*

Atribuir aos alunos (principalmente os do III ciclo) a tarefa de prepararem alguns temas

para depois apresentarem nas aulas; Concursos orais e escritos; Seria interessante ainda, que nalgumas escolas secundárias houvesse uma rádio escolar para a promoção da cultura cabo-verdiana ou algum jornal que relatasse o dia a dia dessas escolas. É claro que a língua portuguesa seria a língua utilizada na comunicação.»

Professor B1: *«É preciso ler muito e também fazer caligrafias e ditados.»*

Professor C1: *«Todos os professores têm de colaborar nesta luta árdua; os professores de português têm de ser mais exigentes; remodelar os programas de Língua Portuguesa e tentar inculcar nos alunos o valor desta língua no dia a dia visto ser uma língua de trabalho; exercitar a leitura e a escrita; enfim, tudo porque o nível dos nossos alunos tem vindo a decrescer ano após ano.»*

Professor D1: *«Cada vez mais deve-se promover nas aulas, actividades que incentivem os alunos a lerem mais. Essas actividades podem ser concursos de leitura, análise de frases, interpretação de textos (...)»*

Professor E1: *«É necessário reformar a estrutura dos programas do ensino de Língua portuguesa, desde o básico. Sendo uma língua bastante complexa e só falada nas escolas, exige uma aprendizagem contínua e com bases sólidas para que se possa colher frutos benéficos no secundário.»*

Análise e tratamento das respostas

1. Os cinco (5) professores entrevistados encaram positivamente a interdisciplinaridade entre a disciplina de História e Língua portuguesa. Igualmente, todos os inquiridos têm a consciência da importância da Língua Portuguesa para a aquisição dos conhecimentos históricos, chegando mesmo a alegar que Língua Portuguesa é uma disciplina que serve de base à História, uma vez que os alunos que têm um domínio razoável da língua Portuguesa, conseguem ter um bom aproveitamento na disciplina de História.

2. Quanto à correcção dos trabalhos escritos, todos os entrevistados responderam também positivamente, afirmando que corrigem sempre que podem os erros ortográficos, os erros de concordância e a organização das ideias nos testes e nos demais trabalhos escritos dos seus alunos. Porém, há quem alegue que os alunos não dão importância nenhuma às correcções feitas pelos professores de História, por acharem que essa tarefa só diz respeito à disciplina de Língua portuguesa.

3. Todos os entrevistados já sentiram em algum momento, a necessidade de falar com os professores de Língua Portuguesa sobre as dificuldades que os seus alunos apresentam nessa área e acham que eles têm sido muito abertos mas que eles também têm as suas queixas.

4. Consideram que em termos de Língua Portuguesa, os alunos do secundário cometem erros inadmissíveis para o nível em que se encontram e apontam possíveis causas para o que está a acontecer, como por exemplo:

a) Problemas que os alunos trazem desde o básico;

b) Erro dos próprios professores de Língua Portuguesa que não dão a devida atenção à correcção dos trabalhos dos alunos;

c) O facto de a maior parte dos professores utilizarem a língua crioula para comunicarem com os seus alunos, principalmente fora da sala de aulas;

d) O facto dos alunos terem poucas oportunidades para praticarem a Língua Portuguesa; e) A falta do hábito de leitura por parte dos alunos e ainda alguns aspectos que devem ser melhorados nos programas.

5. No tocante aos aspectos a serem tidos em conta para se melhorar a apetência, o contacto e a desenvoltura linguística dos alunos, os inquiridos sugeriram mais trabalhos de grupo e as suas respectivas apresentações pelos alunos, a distribuição de temas aos alunos (principalmente os do terceiro ciclo) para prepararem e depois apresentarem aulas, concursos orais, criação de rádios e jornais escolares para a divulgação da Língua Portuguesa, caligrafias e ditados. Mais exigência por parte dos professores de Língua Portuguesa, remodelação dos programas de Língua Portuguesa; incutir nos alunos o valor da Língua Portuguesa no dia a dia; levar os alunos a exercitarem a leitura e a escrita e promover actividades incentivadoras nas aulas de Língua Portuguesa, como por exemplo, concursos de leitura, entre outras.

3.1.3 - Inquérito a alunos do 10º, 11º e 12ºanos

Questões:

1.Gostas da Língua Portuguesa? Justifica a tua resposta.

Aluno1: *«Sinceramente? Não!*

Talvez porque já estou no 11º Ano e há já onze anos que tenho aulas de Português e embora a cada ano que passa, aprofundasse mais os conhecimentos, o conteúdo é sempre o mesmo:

orações, preposições, análise sintáctica de frases...Também não aprecio muito o Português porque durante três anos consecutivos tive o mesmo professor e pode-se dizer que fiquei mesmo traumatizada, pois as aulas eram monótonas e tudo o que tínhamos escrito no caderno era exactamente o que estava escrito nas gramáticas.»

Aluno2: «Não, embora tenha consciência da sua necessidade e importância. Penso que o meu desinteresse pela Língua Portuguesa se deve ao facto de nunca ter tido nenhum professor capaz de despertar em mim o gosto pela disciplina.

Desde o E.B.I., a Língua Portuguesa tem sido sempre a mesma coisa. Se de ano para ano se aprofundasse um pouco mais os conhecimentos mas os conteúdos são sempre os mesmos, o que acaba por tornar as aulas de Língua Portuguesa fastidiosas.»

Aluno3: «Não muito porque acho as matérias dessa disciplina um pouco repetitivas, o que a torna monótona e porque em geral não me identifico com as disciplinas de línguas e disciplinas muito teóricas.»

Aluno 4: «Não. Porque é uma disciplina chata. Eu não entendo nada. Eu estudo mas não consigo atingir os objectivos dessa disciplina.»

Aluno5: «Eu pessoalmente não gosto muito da Língua Portuguesa porque a acho muito chata para estudar. Não gosto daquelas coisas de literatura e poesia. Gosto mais dos números.»

Aluno 6: «Com toda a sinceridade, não gosto de Língua Portuguesa. Sou uma aluna mais voltada para os números do que para as letras.»

Aluno 7: «Gosto, às vezes. Acho-a interessante porque é falada em vários países, porque é a nossa Língua Oficial e gosto de ler livros escritos em Português.

É interessante estudar a Literatura mas às vezes a Língua Portuguesa é um pouco chata por causa da sua história.»

Aluno 8: «Sim, eu gosto da Língua Portuguesa pois é a nossa língua oficial e que nos permite comunicar, estar em contacto com o mundo e ser entendidos por pelo menos 7 países do mundo.

É uma língua interessante e bonita, mesmo sendo tão complexa.»

Aluno 9: «Gosto. Talvez por ser a nossa Língua Oficial e por ser utilizada nas escolas.»

Aluno 10: *«Gosto de estudar Língua Portuguesa. É bastante complexa nas gramáticas e exige bastante raciocínio, o que implica o bom uso para uma ótima compreensão por parte do receptor. Já na oralidade, o emprego é mais fácil, o que desperta o meu prazer pela língua.»*

Aluno 11: *«Eu gosto da Língua Portuguesa porque é uma língua interessante e muito importante no nosso dia a dia.»*

Aluno 12: *«Sim, gosto da Língua Portuguesa porque é uma língua muito útil que nos ensina a falar correctamente, utilizando regras.»*

O português é a nossa língua oficial e portanto, devemos conhecê-la bem e utilizá-la correctamente tendo em conta as regras e a norma.

A nossa língua materna é o crioulo que é pouco conhecido fora de Cabo Verde, por isso, temos a necessidade de saber utilizar a Língua Portuguesa que tem maior aceitação e expansão para que possamos comunicar com estrangeiros dentro e fora do país.»

Aluno 13: *«Sim, gosto da Língua Portuguesa porque com a sua ajuda posso enriquecer o meu vocabulário, aperfeiçoar a linguagem, ter uma visão ampla do mundo exterior e ainda desenvolver a minha capacidade intelectual.»*

Aluno 14: *«Sim, gosto de Língua Portuguesa porque é uma língua de fácil compreensão e muito fácil de falar. Língua Portuguesa é uma disciplina que nos ensina a expressar bem.»*

Aluno 15: *«Sim, gosto porque é uma língua muito interessante e porque é a disciplina básica dos meus estudo.»*

Aluno 16: *«Eu gosto muito porque através da Língua Portuguesa aprendemos muito como por exemplo: falar bem, saber ouvir e intervir na hora certa, sem interromper os outros, saber escrever correctamente e de acordo com as circunstâncias...»*

Aluno 17: *«Sim, gosto bastante porque a Língua Portuguesa é uma disciplina que nos ajuda a escrever bem e principalmente a expressar bem quando é necessário.»*

Aluno 18: *«Em primeiro lugar tenho de gostar da Língua Portuguesa para poder compreendê-la com mais facilidade uma vez que no meu dia a dia tenho de falar português. Por outro lado, aquilo que eu quero ser no futuro exige o conhecimento da Língua Portuguesa. Na nossa sociedade o que domina é a Língua Portuguesa pois ela é a nossa língua oficial.»*

2. De entre as tuas disciplinas curriculares, em que lugar de importância colocas a Língua Portuguesa?

Aluno 1: *«Eu encontro-me neste momento na área de Ciências e Tecnologias e pretendo fazer o curso de Medicina. De maior importância para mim são Matemática, Física, Química e Biologia. No entanto, não tiro a importância do Português, porque muito provavelmente farei o meu curso em Portugal, daí a necessidade de falar bem o Português e ter uma boa escrita para fazer relatórios e outros documentos necessários.»*

Aluno 2: *«Eu acho que a Língua Portuguesa, nas minhas disciplinas curriculares, ocupa o terceiro lugar pois existem matérias de outras disciplinas que, a meu ver, são mais importantes. Mas ao mesmo tempo a Língua Portuguesa não pode posicionar-se num lugar menos importante, porque para qualquer disciplina é necessário falar, interpretar e entender o Português pois todas as explicações de todas as disciplinas são feitas em Língua Portuguesa e todos os livros escolares são escritos em Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa é a base para a aquisição dos conhecimentos das outras disciplinas.»*

Aluno 3: *«Não tenho um lugar de importância específico para a Língua Portuguesa mas com certeza não ocupa um dos primeiros lugares pelo facto de não gostar muito dessa disciplina. Talvez por ser uma disciplina que tenho vindo a estudar durante estes onze anos de escolaridade.»*

Aluno 4: *«Eu não coloco a Língua portuguesa nem à frente e nem atrás porque o meu professor não nos ajuda a gostar dessa disciplina.»*

Aluno 5: *«praticamente o curso que pretendo fazer não tem nada a ver com a Língua portuguesa, por isso a Língua portuguesa fica no último lugar.»*

Aluno 6: (Não respondeu à questão).

Aluno7: *«Coloco a Língua Portuguesa em primeiro lugar visto que se eu não souber falar e escrever bem, não irei longe nas outras disciplinas e por isso eu sei que tenho de estudar Português e lhe dar prioridade.»*

Aluno 8: *«A Língua Portuguesa é extremamente importante porque sem ela não seríamos capazes de interpretar e entender as restantes disciplinas, não fosse ela uma disciplina*

nuclear no ensino secundário, o que não implica também dizer que tenha mais importância que as outras ou que seja mais útil para o nosso dia a dia.»

Aluno 9: «Eu sempre coloco a Língua Portuguesa em primeiro lugar visto ser ela a base para todas as outras disciplinas. Se eu não tivesse uma boa base em Língua Portuguesa, como poderia compreender as outras disciplinas se tudo se processa nessa língua?»

Aluno 10: «A Língua Portuguesa tem um lugar cimeiro no nosso dia a dia devido ao cargo que ela exerce na nossa sociedade como língua oficial. O seu uso é bastante solicitado nas escolas e nalgumas empresas, daí a sua importância.

De entre as minhas disciplinas curriculares, a Língua Portuguesa está incluída no grupo das melhores.»

Aluno 11: «Como em Cabo Verde, a Língua Portuguesa é a nossa língua oficial, acho-a muito importante porque ela serve de base para as outras disciplinas. A Língua Portuguesa ajuda-me a compreender as outras disciplinas, visto que na maioria delas se fala o português»

Aluno 12: «É difícil elevar ou menosprezar qualquer disciplina em detrimento de outra qualquer mas, com certeza atribuo uma grande importância à Língua Portuguesa porque ela é a «base» das outras disciplinas uma vez que é o instrumento de comunicação utilizada no ensino das mesmas, com excepção das línguas estrangeiras, embora estas sejam auxiliadas por ela.»

Aluno 13: «Embora não seja a minha disciplina favorita, dou-lhe muita importância e coloco-a no primeiro lugar por ser ela a nossa língua oficial que nós estudamos desde a escola primária. É também uma língua muito usada noutros países.»

Aluno 14: «Para mim, todas as disciplinas ocupam o mesmo lugar pois considero todas importantes para a minha aprendizagem.»

Aluno15: «Eu coloco a Língua Portuguesa em segundo lugar.»

Aluno 16: «Eu coloco a Língua Portuguesa no segundo lugar, mas, não é pelo facto de não gostar da mesma, é que o gosto pela disciplina que está no primeiro lugar veio desde pequeno e a paixão pela mesma foi aumentando cada vez mais e hoje, não consigo colocar outra disciplina à frente dela.»

Aluno 17: *«Entre as minhas disciplinas curriculares, coloco a Língua Portuguesa no terceiro lugar porque tenho a minha disciplina preferida.»*

Aluno 18: *«Coloco a Língua Portuguesa em primeiro lugar porque ela é a base de todas as outras disciplinas. Quem não sabe Língua Portuguesa, não consegue dominar as outras disciplinas porque as mesmas são explicadas em português e por outro lado, é a língua utilizada nos meios de comunicação social.»*

3. Em que situações usas a Língua Portuguesa?

- Em casa?
- Na sala de aula?
- Com os professores?
- Na rua?
- Nos serviços Públicos?
- Com os amigos?
- Em festas?

Aluno 1: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 2: *«Com os professores.»*

Aluno 3: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 4: *«Na sala de aula, com os professores e nos serviços públicos.»*

Aluno 5: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 6: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 7: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 8: *«Com os professores.»*

Aluno 9: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 10: *«Na sala de aula, com os professores e com os amigos.»*

Aluno 11: *«Com os professores e nos serviços públicos.»*

Aluno 12: *«Na sala de aula, com os professores e com os amigos.»*

Aluno 13: *«Na sala de aula, com os professores e nos serviços públicos.»*

Aluno 14: *«Em casa (às vezes), na sala de aula, com os professores e nalguns serviços públicos.»*

Aluno 15: *«Na sala de aula, com os professores e nos serviços públicos.»*

Aluno 16: *«Na sala de aula, com os professores.»*

Aluno 17: *«Com os professores e nos serviços públicos.»*

Aluno 18: *«Em casa, na sala de aula, com os professores e com os amigos (às vezes).»*

4. O teu professor utiliza metodologias atractivas para te criar o gosto de falar a língua Portuguesa?

Aluno 1: *«Para mim, o melhor método que um professor pode ter é uma boa disposição, gostar mesmo de leccionar a sua disciplina e de se relacionar bem com os seus alunos. Isso já é meio caminho andado para que os alunos não pensem: «oh não! Agora temos português.».*

Para tornar as aulas mais atractivas, porque não escolher um aluno que perceba e goste da matéria e juntamente com um grupo de alunos, fazer uma peça de teatro em que expliquem a matéria, sem esquecer de acrescentar um toque de humor, de vez em quando, de modo a que a aula não acabe por se tornar monótona e fastidiosa.»

Aluno 2: *«Não. Para falar a verdade, já tive uma única professora que demonstrou vontade em variar um pouco a metodologia de ensino. Ela era dinâmica e as suas aulas eram muito interessantes.*

Contrariamente a ela, a minha actual professora não faz nada para criar em mim o gosto de falar a Língua Portuguesa, visto que as suas aulas são muito monótonas e ela não nos dá a liberdade de expressão nas suas aulas.»

Aluno 3: *«Não, porque em vez de organizarmos debates ou outras formas de praticar a Língua Portuguesa, a minha professora, tal como os outros, insiste nas regras gramaticais.»*

Aluno 4: *«Não, a minha professora fala durante toda a aula e eu não entendo nada. Não sei se a culpa é dela ou minha.»*

Aluno 5: *«Praticamente, na sala de aula, não gostamos de falar português. A nossa professora sempre nos motiva a falar a Língua Portuguesa mas nós não gostamos.»*

Aluno 6: *«Sim.»*

Aluno 7: *«Alguns sim mas a maioria não. Agora quase todos os professores falam o crioulo na sala de aula e não ligam o português, a não ser nos testes.»*

Aluno 8: *«Acho que não...*

Eu penso que o que tem vindo a acontecer, infelizmente, é que muitos professores têm-se preocupado essencialmente (por vários motivos), em seguir e cumprir os programas estipulados, o que não os permite criar e usar metodologias atractivas que estimulem o aluno a gostar da língua em si e de pô-la em prática.»

Aluno 9: *«Bem, ao ouvir o meu professor a falar e a pronunciar bem o português, dá-me mais vontade ainda de aprender a falar português mas, analisando bem o caso, ele não faz nada para me despertar o gosto de falar bem o português. Já a minha outra professora (a do 10ºAno) fazia de tudo o que estivesse ao seu alcance para nos fazer gostar mais do português.»*

Aluno 10: *«Sim, por motivo da complexidade da língua, ela representa um desafio aos professores pois estes têm que encontrar formas de ensinar que atraem o gosto dos alunos, a curiosidade e o interesse. Nesse aspecto, a minha professora tem demonstrado incansavelmente as vias para adquirirmos o conhecimento da língua de forma agradável.»*

Aluno 11: *«Não.»*

Aluno 12: *«Sim, a minha professora motiva-nos muito a falar português, realizando actividades como idas ao cinema (para vermos filmes portugueses), e estas actividades suscitam grande interesse nos alunos, não só a actividade em si mas cria uma vontade, um gosto em falar a Língua Portuguesa.»*

Aluno 13: *«Sim porque as aulas são muito interessantes e a professora dá-nos alguns conselhos sobre livros que podemos ler entre outras coisas. Ao ler, podemos conhecer melhor a língua e ao mesmo tempo conhecer os autores e isso é muito interessante.»*

Aluno 14: *«Sim, a minha professora pediu-nos para fazer um trabalho em que devíamos formar grupos para fazer peças de teatro em português e todos participaram activamente. Da minha parte gostei muito porque foram umas aulas muito divertidas e todos gostaram.»*

Aluno 15: «Sim.»

Aluno 16: «Acho que sim porque ela motiva qualquer aluno a estudar, com a maneira de mostrar as coisas, explicar e principalmente ensinar regras até que a gente entenda e depois passa para outra matéria sem que nós, os alunos, fiquemos muito longe uns dos outros em relação à matéria dada. Essa sua maneira fez com que eu me interessasse muito pela Língua Portuguesa.

Aluno 17: «Não porque às vezes o professor não utiliza o português na sala e assim os alunos fazem o mesmo, o que provoca o desleixo por parte dos mesmos. Assim, o Português torna-se uma disciplina muito chata e o professor também.»

Aluno 18: «Sim, porque o meu professor fala sempre português e costumamos trabalhar obras muito interessantes que faz com que criemos o gosto pela leitura e isso ajuda-nos na escrita e na oralidade.»

5. Que sugestões dás para se aumentar o nível de oralidade da Língua Portuguesa no falante cabo-verdiano?

Aluno 1: «Fazer concursos interescolares ou mesmo televisivos, em que participem pessoas jovens contra os mais velhos, para testar a cultura geral entre as diferentes gerações.

No entanto, acho muito difícil que as pessoas falem o português entre si, nos serviços públicos visto que temos a nossa língua materna que é o crioulo e que devemos valorizar. O português já ocupa um «estatuto» mais elevado porque é a língua utilizada na comunicação social e não só.»

Aluno 2: «Acho desnecessário falar o português em Cabo Verde nas situações informais tendo em conta que temos a nossa língua materna que é o crioulo.

Mas para aumentar o nível da oralidade da Língua portuguesa, é necessário ter professores qualificados, bem formados, que saibam falar a Língua Portuguesa correctamente e que criem nos alunos, em particular, o gosto pela disciplina, tentando explicar as matérias da melhor forma possível.

Aluno 3: *«Acho que seria proveitoso se todos os pais falassem um pouco o português com os seus filhos, se todos se interessassem em assistir programas televisivos em português, se assistissem o telejornal, não só o cabo-verdiano como o português e se todos lessem muito tanto os jornais como outros livros»*

Aluno 4: (Não respondeu à questão.)

Aluno 5: *«Não deixar que a Língua Crioula se torne oficial para que o português se torne mais vasto por todo o arquipélago.»*

Aluno 6: *«As minhas sugestões são: fazer mais jogos, debater problemas sociais em Língua Portuguesa...»*

Aluno 7: *«Só se acabarem com a ideia de oficializar o crioulo. Mas também não se vai conseguir muita coisa porque agora em todos os lugares, praticamente falam o crioulo como nas instituições, comunicação social, etc.*

Uma outra solução seria ter professores para ensinar toda a população a falar português visto que a maioria dos cabo-verdianos não sabe falar português.»

Aluno 8: *«Realmente nos últimos tempos, o nível da oralidade da Língua Portuguesa no falante cabo-verdiano, tem sido baixo, com o uso cada vez mais frequente da nossa língua materna, o crioulo; não só entre pessoas na rua, como também nos parlamentos, nas salas de aula por professores, etc.*

Eu sugiro que se faça mais campanhas, programas interessantes (que despertassem o gosto pela Língua Portuguesa, mesmo nos mais pequenos), peças de teatro em português...»

Aluno 9: *«Em primeiro lugar, eu sempre critiquei que os programas apresentados na rádio em crioulo pois, ainda que atraíam mais a camada jovem e as crianças, deviam ser apresentados em Língua Portuguesa, para despertar o gosto e o prazer de falar português.*

A Língua Portuguesa devia ser utilizada também nas repartições e até mesmo entre colegas, nas escolas. Devia-se fazer também intercâmbios entre as escolas onde os alunos pudessem debater sobre Língua Portuguesa, utilizando esta mesma língua.»

Aluno 10: *«Para uma maior adesão dos cabo-verdianos, é necessário impor que pelo menos se fale o português nos serviços públicos, noutras instituições e nas escolas, de modo a estimular a prática. É necessário ainda promover concursos sobre a língua, criar histórias em português e organizar eventos como feiras, com o objectivo de sensibilizar a população.»*

Aluno 11: *«Acho que deviam criar programas de incentivação para a leitura em português, incentivarem as pessoas a falarem o português em casa e tentar mostrar às pessoas a importância dessa língua.»*

Aluno 12: *«Para que isso aconteça, seria necessário que se implantasse a Língua Portuguesa nos serviços públicos, como língua de comunicação.»*

Aluno 13: *«Poderá ser uma tarefa difícil mas sugiro que a Língua Portuguesa seja falada em casa com os pais, com os amigos, na rua, nas festas pois acho que só assim se aumentaria o nível da oralidade da Língua Portuguesa em Cabo Verde. Porém, nós não podemos esquecer da nossa língua que é o crioulo.»*

Aluno 14: (Não respondeu à questão.)

Aluno 15: *«Deve-se fazer mais palestras em Língua Portuguesa, debates, etc.»*

Aluno 16: *«Na minha opinião, a Língua Portuguesa deve ser ensinada desde a escola base para que os alunos fossem crescendo a conviver com essa língua. Por outro lado, devia-se fazer, de vez em quando, actividades para o aperfeiçoamento da Língua Portuguesa pois só assim a nossa sociedade daria mais valor a essa língua.»*

Aluno 17: *«Eu acho que deviam ensinar o português desde o jardim-de-infância pois assim os alunos iam-se habituando com a língua e quando chegassem aos níveis mais elevados não teriam problemas. Acho também que os professores, não só os de Português deviam exigir que os alunos falassem português nas aulas.»*

Aluno 18: *«As sugestões que eu dou são:*

- *Falar o português em toda a parte;*
- *Ensinar o português aos analfabetos;*
- *Divulgar a Língua Portuguesa...»*

6. Finalmente, que dirias aos professores, para melhorarem o ensino da Língua Portuguesa?

Aluno 1: *«Primeiro, pediria aos professores dos nossos professores que fossem mais rigorosos no ensino do português, não só para os professores de Português, mas para todos os professores em geral, porque chegamos à conclusão que os professores, hoje em dia, não*

falam nada bem o português. Fazem confusão na conjugação dos verbos, como por exemplo ao dizerem «calam», «sentam», quando o correcto seria «calem-se», «sentem-se».

Depois, realçaria o facto de muitos professores serem pessoas que voltam do curso e, por não terem emprego, decidem ser professores e só leccionam para receber um salário no final do mês, enquanto não encontram um trabalho na sua área.»

Aluno 2: «Eu diria aos professores que antes de ensinarem a Língua Portuguesa, devem, em primeiro lugar, dominar essa mesma língua. Devem ensinar com clareza, paciência e dinamismo. Devem aceitar e corrigir os seus erros para não complicarem os alunos.

Por outro lado, o Ministério de Educação devia integrar nos programas, matérias mais interessantes pois a repetição dos conteúdos retira o brilho de qualquer disciplina.»

Aluno 3: «A meu ver, a gramática é muito importante para a aprendizagem de qualquer língua mas só que os professores de Português preocupam-se mais com o ensino das regras gramaticais e acabam por esquecer de levar-nos a praticar essas mesmas regras em termos da oralidade. Para mim, esse aspecto deve ser levado em consideração, uma vez que a oralidade é indispensável na aprendizagem de qualquer língua e disciplina.»

Aluno 4: «Sim, se o professor melhorasse o ensino da Língua Portuguesa, talvez eu melhorasse as minhas notas nessa disciplina.»

Aluno 5: «Digo aos professores de Português que exijam que os alunos falem português com eles não só na sala de aula como também na rua.»

Aluno 6: «Os professores deviam incentivar os alunos que não têm muito jeito para as letras.»

Aluno 7: «Eu diria-lhes para obrigarem os seus alunos a falar português para fazerem feiras de livros, organizar actividades em língua portuguesa, ajudar-nos a conhecer a importância do português e muito mais.»

Aluno 8: «Que as aulas fossem mais vivas e mais interessantes, que obrigassem os alunos a praticarem de forma descontraída a Língua portuguesa (por exemplo através de debates, teatros...)»

Aluno 9: (Não respondeu à questão).

Aluno 10: *«O primeiro a fazer é utilizar métodos que incluam coisas interessantes e que abram portas para troca de experiências onde os alunos se sintam à vontade para exprimirem as suas opiniões. Também fazer com que os alunos criem o hábito de leitura para que possam expandir os seus conhecimentos.»*

Aluno 11: *«Sinceramente, não sei.»*

Aluno 12: *«Para o melhoramento da Língua Portuguesa, os professores deviam realizar actividades de modo a fazer com que os alunos e a sociedade a utilizar a Língua Portuguesa.*

Os jovens actualmente mostram grande interesse por outras línguas como o Inglês e isto faz com que o português seja preterido dia após dia. Então, os professores como «responsáveis» pelo ensino e divulgação da Língua Portuguesa, devem promover actividades de forma a suscitar nos alunos o interesse pela Língua Portuguesa.»

Aluno 13: *«Diria aos professores que mostrassem mais entusiasmo quando falassem dessa língua, que mostrassem aos alunos as partes mais interessantes da mesma e que utilizassem métodos diferentes no seu ensino porque estudar verbos, pronomes, etc, faz com que os alunos detestem a Língua Portuguesa. Se tomassem essas medidas, fariam com que as pessoas se interessassem mais por essa língua que também faz parte da nossa história.»*

Aluno 14: *«Diria aos professores que fizessem actividades extra curriculares com os alunos como por exemplo, visitas guiadas a bibliotecas, onde poderiam aprender como encontrar livros nas prateleiras, pedir aos alunos que lessem livros engraçados, histórias populares, fazer concursos de leitura, recitação de poemas, criação de textos...»*

Aluno 15: *«Pedia aos professores para não se desmoralizarem com a maneira como os alunos aprendem e para serem firmes nas suas caminhadas pois no fim verão que valeu a pena.»*

Aluno 16: *«para mim, tudo está correndo bem. Muitas vezes a culpa fica sobre os professores e eu acho que não é justo pois eu sou aluno e sei que muitas vezes nós é que complicamos a vida dos professores. Eles explicam as matérias e como nós não estudamos, as notas são baixas e no fim, os professores é que são criticados.*

Acho que nós, os alunos, devemos ajudar mais os nossos professores e estes por sua vez, devem incentivar-nos a fazer mais leituras pois nós, os jovens, temos muita preguiça de ler, mas é claro que há excepções.»

Aluno 17: «Diria aos professores que fizessem aulas mais atractivas, sempre com novidades e que nas aulas, os alunos tivessem a palavra para darem as suas opiniões sobre os mais variados assuntos.»

Aluno 18: «Pediria aos professores que falassem sempre com os alunos em português, que exigissem que os alunos falassem português com eles e que corrigissem os erros ortográficos nos testes e os erros cometidos pelos alunos na oralidade.

Por outro lado, devem despertar nos alunos o gosto pela Língua Portuguesa, pedindo-lhes que leiam livros interessantes pois assim criam também o gosto pela leitura.»

Análise e tratamento das respostas:

1. O Gosto pela Língua Portuguesa

Número de alunos que gosta da Língua Portuguesa	Número de alunos que não gosta da Língua Portuguesa
12	6

2.Como colocam a Língua Portuguesa entre as disciplinas curriculares

Lugar	Nº de alunos
1º Lugar	4
2º lugar	2
3º lugar	2
Entre as melhores	3
Mesma importância que as outras disciplinas	2
Nenhum lugar de importância	4
Último lugar	1

3. Frequência com que os alunos usam a Língua Portuguesa no dia a dia

Lugar	Nº de alunos
Em casa	2
Na sala de Aula	13
Com os Professores	18
Na rua	0
Nos serviços públicos	6
Com os amigos	3
Em festas	0

4. Professores que utilizam metodologias atractivas no ensino da L.P.

Número de professores que utiliza metodologias atractivas	9
Número de professores que não utiliza metodologias atractivas	9

Dos dezoito (18) alunos entrevistados, doze (12) gostam da Língua Portuguesa e seis (6) não gostam. Os que gostam, apresentaram alguns motivos que justificam o gosto por esta língua, como sejam: o facto de Língua Portuguesa ser a língua oficial de Cabo Verde, por permitir uma maior comunicação com o exterior, por acharem que é uma língua bonita e interessante, por ser utilizada nas escolas, pelo facto de os ajudar a desenvolver a sua capacidade intelectual, por ser uma língua de fácil compreensão e ainda por servir de base para o estudo das outras disciplinas curriculares.

Por outro lado, aqueles que não gostam, justificaram-se, dizendo que Língua Portuguesa é uma língua muito «chata», que nessa disciplina os conteúdos são repetitivos uma vez que desde o Ensino Básico têm estudado sempre as mesmas matérias embora com um pouco mais de aprofundamento de ano para ano, que os professores têm apresentado aulas muito teóricas, dando mais atenção à gramática, acabando por esquecer de os levar à prática da oralidade, que

têm traumas pela forma como os professores têm vindo a ministrar as aulas dessa disciplina, que as aulas de Língua Portuguesa são monótonas, que preferem disciplinas mais práticas e criticam ainda o facto dos professores dessa disciplina nada fazerem para despertarem nos alunos o gosto pela língua que ensinam.

Ao serem interrogados sobre o lugar de importância que colocariam a Língua Portuguesa de entre as outras disciplinas curriculares, apenas quatro (4) alunos responderam que a colocariam no primeiro lugar. De salientar que muitos daqueles que responderam que gostam da Língua Portuguesa, não a colocaram no primeiro lugar. Dos outros catorze (14) entrevistados, dois (2) colocaram-na no segundo lugar, dois (2) no terceiro lugar, três (3) partilham da opinião que a Língua Portuguesa situa-se entre as melhores disciplinas mas não atribuíram um lugar específico para a mesma, três (3) acharam que ela tem a mesma importância que as outras disciplinas, quatro (4) não atribuíram nenhum lugar de importância à mesma e um (1) aluno colocou-a no último lugar.

Os alunos entrevistados utilizam a Língua Portuguesa com mais frequência nas salas de aula, mais precisamente com os professores pois, dos dezoito (18) entrevistados, apenas seis (6) a utiliza nos serviços públicos, três (3), de vez em quando, comunicam com os amigos nessa língua, somente dois (2) a utilizam em casa e nenhum deles a utiliza na rua ou em festas.

Dos dezoito (18) alunos, apenas nove (9) afirmam que os seus professores de português utilizam metodologias atractivas para lhes criar o gosto de falarem a Língua Portuguesa, como por exemplo idas ao cinema para verem filmes portugueses, ou em português, dramatizações nas aulas, trabalhos de grupo interessantes, entre outras actividades. Os restantes acham que os seus professores nada fazem para os incentivar a falar o português uma vez que muitos insistem no ensino das regras gramaticais ao invés de organizarem debates, dramatizações ou outras formas de praticarem a língua. Queixam-se da monotonia das aulas de Português, da preocupação dos professores em cumprirem os programas, não sobrando tempo para actividades práticas e ainda reclamam dos professores que não lhes dão a liberdade de expressão nas aulas e o facto de alguns professores utilizarem o crioulo nas aulas, o que motiva os alunos a seguirem o mesmo exemplo.

Alguns alunos têm a consciência que nos últimos anos, o nível da oralidade da Língua Portuguesa no falante cabo-verdiano tem sido baixo e apesar de acharem que será difícil mudar essa situação, uma vez que a Língua Crioula precisa também ser valorizada. Apesar disso, deixaram as seguintes sugestões:

- Concursos inter escolas;
- Concursos televisivos que pusesse à frente pessoas de gerações diferentes de modo a testar a cultura dos mesmos (tudo em Língua Portuguesa);
- Utilização da Língua Portuguesa no seio familiar;
- Criação de meios para despertar nas pessoas o gosto pela leitura;
- Transmissão de mais programas radiofónicos e televisivos em Língua Portuguesa;
- Formação de professores qualificados;
- Inculcar nas pessoas a importância da Língua Portuguesa;
- Intercâmbio entre as escolas onde os alunos pudessem desenvolver actividades relacionadas com a Língua Portuguesa;
- Apresentação de mais peças de teatro em Língua Portuguesa;
- Mais empenho no ensino da população analfabeta;
- Mais exigência por parte dos professores de Português em relação aos seus alunos;
- Ensinar a Língua Portuguesa desde os jardins-de-infância;
- Não oficialização do Crioulo;
- Desenvolvimento de actividades para o aperfeiçoamento da Língua Portuguesa;
- Uso obrigatório da Língua Portuguesa nas repartições públicas,
- Promoção de eventos para a sensibilização da população no tocante ao uso da Língua Portuguesa;
- Mais palestras e debates em Língua Portuguesa ...

Para um melhor o ensino da Língua Portuguesa, os alunos deixaram também as seguintes sugestões:

- Que as escolas de formação de professores fossem mais rigorosas no ensino do Português não só para os futuros professores dessa disciplina como também para os futuros professores das outras disciplinas;

- Que nas escolas tivessem apenas professores formados a leccionar e não pessoas que regressam do curso e estejam à espera de emprego na área que formaram;
- Que os professores de Língua portuguesa dominassem bem essa mesma língua e ensinassem com clareza, paciência e dinamismo;
- Que os professores aceitassem e corrigissem os seus erros;
- Que o Ministério de Educação fizesse a revisão dos programas de Português, diminuindo um pouco a repetição dos conteúdos que tanto aborrece os alunos e colocasse nos mesmos conteúdos mais interessantes que os pudesse motivar;
- Que os professores de Língua Portuguesa preocupassem menos com o ensino das regras gramaticais e dessem mais atenção à prática da oralidade;
- Que as aulas de português fossem mais animadas, mais «vivas» e mais interessantes para que os alunos pudessem praticar a língua de forma descontraída;
- Que os professores fossem mais pacientes;
- Que os professores de Língua Portuguesa fizessem actividades extra curriculares com os seus alunos como por exemplo visitas às bibliotecas;
- Que sejam utilizadas metodologias atractivas no ensino do Português;
- Que os professores induzissem os seus alunos a criarem o hábito de leitura e exigissem que os mesmos só falassem português nas salas de aula;

No entanto, dois dos entrevistados partilham da opinião que a culpa do insucesso dos alunos fica sempre nos professores mas que muitas vezes a culpa é dos próprios alunos que não ajudam, uma vez que não se interessam muito por aquilo que se passa nas salas de aula, não estudam e consequentemente o resultado nunca é satisfatório.

CAPÍTULO IV

SUGESTÕES DE ACTIVIDADES LÚDICAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

«A criatividade no ensino, pode parecer, sem dúvida, o objectivo mais difícil de atingir no todo das intenções pedagógicas, anterior a qualquer acto educativo. Diz-nos, porém a Experiência que ela deve ser a primeira, a imediata, a indispensável. Se não for desenvolvida de forma sistemática, jamais o mecanismo ensino – aprendizagem funcionará adequadamente, tornando-se o professor um arado ferrugento e a turma a terra árida que não consente ser lavrada.».(A Criatividade no Ensino do Português, pag.12)

«São os processos imaginativos que distanciam as pessoas do caminho rotineiro da cultura adquirida e lhes possibilitam a abertura a novas hipóteses de invenção e de experimentação. Daí o avanço tecnológico e científico; daí o desenvolvimento psíquico do homem _ « sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança...»» (idem, página 12)

Neste capítulo, o propósito é apresentar algumas sugestões de actividades lúdicas que poderão ser desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa , com o intuito de despertar nos alunos o gosto pela disciplina e aumentar dessa forma a «performance» do jovem falante cabo-verdiano em relação à língua segunda.

Actividades:

1. De boca em boca

Conteúdo: Comunicação e descrições (7º ano de escolaridade)

Divide-se a turma em dois grupos. Cerca de doze (12) alunos saem da sala e ficam alinhados à porta, à espera da chamada.

Aos alunos que ficam dentro da sala, mostra-se uma gravura (com elementos humanos,

animais, plantas e objectos vários) que se presta para esse jogo.

Chama-se o primeiro aluno que está lá fora, pede-se-lhe que observe a gravura com atenção, em todos os seus pormenores, durante três minutos, para depois a descrever a outro. Chama-se o segundo aluno que vai ouvir a descrição, sem observar a imagem, para depois a reproduzir ao terceiro e assim sucessivamente até ao último.

Os assistentes não podem fazer qualquer comentário mas, normalmente, divertem-se bastante com as alterações que a mensagem vai sofrendo «de boca em boca».

Depois do último aluno repetir a descrição, regista-se no quadro e mostra-se a imagem donde se partiu. Costuma ser enorme o espanto deles, tanto maior quanto mais jovens forem.

De salientar que este jogo torna-se bastante útil como base de trabalho de alguns conceitos relacionados com a Teoria da Comunicação: «referente e contexto», «subjectividade do receptor», «interferência e ruído», etc.

Obs.: Em vez de utilizar uma imagem, o professor pode narrar uma pequena história.

Activadores Criativos Utilizados:

- *Leitura recreativa de imagens*
- *Flexibilização/ agilidade mental* (Ana Maria Ribeiro dos Santos, Maria José S. Balancho, A Criatividade no Ensino do Português, pag. 28)

2. Dramatizações

(Todos os anos de escolaridade)

O jogo dramático é quase espontâneo nas crianças mais novas, idade em que é fácil motivá-las. Já quando se trata de alunos adolescentes, em que o sentido do ridículo se agudiza bastante, as dramatizações terão de ser fortemente motivadas e surgir nas aulas acompanhadas por uma definição precisa dos objectivos.

Podem ser feitas a partir da recriação de textos ou excertos de contos ou ainda improvisações de cenas para a criação e estudo das técnicas do texto dramático.

Activadores Criativos Utilizados:

Turbilhão de ideias

- *Desmontagem de frases e textos* (Idem, pag. 30)

3. Julgamentos:

(Todos os anos)

Na leitura de uma obra completa, que poderá incidir sobre um conto, uma fábula ou até um romance, conforme o nível de escolaridade, deparamos, muitas vezes, com uma situação polémica, em que as personagens tomam atitudes discutíveis.

Propõe-se então o julgamento de uma dessas personagens, criando um «tribunal» para o efeito.

O objectivo principal consiste em desenvolver o sentido crítico e a capacidade de argumentação dos alunos, com vista à fundamentação das suas próprias opiniões.

São escolhidos participantes para o desempenho dos seguintes papéis:

- *Advogado de acusação*
- *Advogado de defesa*
- *Testemunhas de acusação*
- *Testemunhas de defesa*
- *Jurados*
- *Juíz*

Activadores criativos utilizados:

Busca interrogativa livre

Interrogação divergente categorial

Flexibilização/agilidade mental

Metaforização analógica

Imitação transformativa. (Idem, pag. 27)

4. Debate

1ª Parte

Esclarecimento do conceito de «discussão»:

a) Diferença entre «discussão» e «conversa» (recurso à etimologia e evolução do sentido);

b) Sentido pejorativo da palavra «discussão»;

Actividades de Preparação:

a) Escolha do moderador do debate;

b) Escolha da técnica a utilizar,

c) Escolha de dois secretários _ para registo das conclusões,

d) Escolha do assunto (de entre os propostos pelo professor);

e) Elaboração de um plano de discussão.

2ª Parte:

De acordo com a técnica escolhida _ «discussão circular», e conforme o plano anteriormente elaborado, cada aluno usufrui de um tempo limite para a sua intervenção, a partir do qual passa a palavra, só poderá voltar a intervir quando, de novo, chegar a sua vez.

Os secretários registam as conclusões mais importantes.

Activadores criativos utilizados:

- *Flexibilização / agilidade mental.*
- *Prós / contras _ previsão de consequências.*
- *Solução criativa de problemas. (Idem, pag. 24)*

4. Mesa _ Redonda

1ª Parte:

Cada aluno propõe um tema, ou mais, a registar no quadro. Será eleito, por maioria, aquele sobre o qual os alunos irão realizar a mesa – redonda.

Depois de escolhido o tema, a turma elabora, colectivamente, um plano para a troca de opiniões.

Trabalho para casa: Recolha de elementos sobre o tema seleccionado, que servirá de

ponte de partida para a aula seguinte.

2ª Parte:

Depois de escolhido um moderador, os elementos apresentados pelos alunos são entregues à mesa, de acordo com o plano estruturado na aula anterior.

Após a troca de impressões desencadeada, registam-se as conclusões mais importantes.

Activadores criativos utilizados:

- *Flexibilização / agilidade mental*
- *Projectos vitais*
- *Imitação transformativa. (Idem, pag. 23)*

5. Actividades para o desenvolvimento da expressão oral

«Narração de histórias, modificando o início, a natureza das personagens, a conclusão.»

«Narração de histórias, acrescentando partes em falta (início, partes intermédias, conclusão).»

«Improvisação de uma história, a partir de dez palavras.

«Dramatização de histórias ouvidas/lidas.»

«Organização de recitais de poesia e música.»

«Organização de círculos de poesia.» (Programa da disciplina de Língua Portuguesa, 7º e 8º anos, pag. 28)

6. Actividades para o desenvolvimento da leitura oral

«Formados em círculos ou filas, os alunos executam a leitura programada, de pé, com o livro na mão. Ao cometer um erro, cuja detecção pode ser feita pelos próprios colegas, o aluno deverá sentar-se e a leitura passa a ser feita por outro. Os alunos que permanecerem de pé até ao fim do jogo serão os vencedores.»

«O professor divide a turma em dois grupos: os leitores e os críticos. Um aluno do grupo dos leitores lê o texto. O grupo dos críticos toma notas para uma heterocrítica final, utilizando-se uma matriz de avaliação.» (Idem, pag. 33)

CONCLUSÃO

Ao chegar ao fim do trabalho, ganhei consciência, por um lado, de que as questões que constituíram o propósito fundamental do mesmo, não foram, e se calhar nem poderiam ser, cabalmente respondidas. Por outro lado, verifiquei aspectos que agora passo a anotar como importantes e que são, na minha opinião, e de alguma forma, reveladoras da complexidade que tem sido a «existência» (passe o figurado da expressão) e a permanência da Língua Portuguesa no nosso sistema de ensino, no caso, o subsistema do Ensino Secundário.

Começaria pelo capítulo dos inquiridos. Dos muitos dados que deles retirei, alguns são autênticos testemunhos do como, no meio académico, particularmente nas escolas secundárias, se vivência o «caso da Língua Portuguesa». Para exemplificar, iniciaria com as respostas dadas e que constituíram quase unanimidade entre os docentes inquiridos.

1º - A maior parte não é utilizadora (em termos da oralidade) do português, fora do espaço das aulas e de âmbitos e / ou de contextos formais, o que pode significar que muitos ou que parte significativa dos profissionais do ensino da Língua Portuguesa, não maneja o instrumento, a ferramenta do seu trabalho em quantidade suficiente, em termos da sua utilização oral, o que eventualmente poderá ter reflexos negativos na qualidade da transmissão e da criação da apetência nos aprendentes para o uso em oralidade da nossa língua segunda;

2º - O interessante e o contraditório ao mesmo tempo nisso tudo, é que os próprios professores (os inquiridos) têm e revelam plena consciência da importância e da imprescindibilidade da Língua Portuguesa no todo curricular do secundário;

4º - Quase todos os professores de português inquiridos afirmam que não têm o hábito de utilizar os meios audiovisuais nas aulas pelo facto dos mesmos não se encontrarem disponíveis nas escolas onde trabalham ou por medo de se atrasarem no cumprimento dos programas que, segundo eles, são muito extensos. Porém todos reconhecem a importância desses materiais para a vivacidade das aulas e consequentemente para criação do gosto nos alunos para a aprendizagem da Língua Portuguesa;

5º - Da parte dos alunos (inquiridos) foi notório e de alguma forma constrangedora que alguma coisa vai muito mal no ensino da língua viva que é a Língua Portuguesa, pelo facto de quase todos afirmarem peremptoriamente que não falam português, a não ser se «obrigados» isto é, apenas e tão somente quando a isso não podem fugir. Criticam duramente a forma como a disciplina é ensinada e quase que «culpam» os professores de português pelo facto de não gostarem da Língua Portuguesa, enquanto disciplina e enquanto veículo de comunicação;

6º - Muitos dos alunos inquiridos partilham a opinião de que as aulas de Língua Portuguesa têm sido ministradas de forma pouco atractiva, o que tem contribuído para a desmotivação dos mesmos em relação à aprendizagem da disciplina. Por outro lado, queixam-se dos programas de Língua Portuguesa por apresentarem conteúdos repetitivos de ano para ano, facto que, na opinião dos mesmos, tem pesado negativamente no ensino – aprendizagem da Língua Portuguesa.

Neste ponto apresentarei também algumas sugestões para aquilo a que chamarei de melhoria funcional do ensino da Língua Portuguesa, língua segunda.

O nosso contexto é bilingue, apesar de as duas línguas de comunicação e em presença – a cabo-verdiana e a portuguesa – não terem ainda os papéis comunicativos (oral e escrito) perfeitamente calibrados e equilibrados.

De qualquer forma não seria de todo descabido criarem-se grupos de trabalho para reflectirem sobre a questão da Língua Portuguesa.

Deixo aqui registadas algumas sugestões que a nosso ver poderão ser úteis se forem tidos em conta no ensino da Língua Portuguesa:

- a) Ter em presença a variedade do perfil dos destinatários do nosso ensino. Exemplo: o do aluno do 7ºano da escola secundária dos Mosteiros, o do aluno do 7ºano da escola secundária Domingos Ramos e o do aluno do 7ºano de Santa Cruz;
- b) Face à variedade de perfis e às diferenças de contacto com a Língua Portuguesa dos destinatários do (s) mesmo (s) ano (s), organizam-se os materiais;
- c) É bom comunicar, ouvir, trocar experiências. As metodologias usadas em cada ilha, região ou escola do país têm que ser avaliadas e adaptadas às outras regiões. (Essa já seria a fase do programa nacional);

- d) Ter-se sempre em conta que o público aprendente é diferenciado e temos que ter em conta as variáveis contextuais da aprendizagem;
- e) Os materiais não podem ser «levianamente» utilizados em qualquer região, zona ou escola. Temos sempre que respeitar as diferenças sociais que implicam graus diferentes do contacto com a Língua Portuguesa do aprendente;
- f) A revisão dos programas e dos manuais de Língua Portuguesa do ensino secundário deve ser uma prioridade uma vez que os professores e alunos inquiridos deixaram transparecer esta necessidade;
- g) Os professores de Língua Portuguesa precisam discutir as suas dificuldades, daí, a necessidade de se fazer encontros periódicos com os docentes para que juntos possam reflectir sobre a problemática do ensino – aprendizagem da Língua Portuguesa e tentarem encontrar soluções para a resolução dos problemas;
- h) Realização de actividades nas escolas para a divulgação da Língua Portuguesa como sejam feiras de livro (escritos em português), exibição de filmes portugueses, dramatizações, debates, entre outras actividades;
- i) Apetrechamento das escolas com os meios audiovisuais para que os professores de português possam ter a oportunidade de variar um pouco a metodologia de ensino e ensinar desta forma a Língua Portuguesa como língua viva;
- j) Por último, a criação de uma estrutura de comunicação pela «Internet», a qual deverá servir para a troca de informação e de materiais didácticos que possam ser livremente utilizados pelos colegas de escolas diferentes.

BIBLIOGRAFIA

A Constituição da República de Cabo Verde, (1992), revista pela Lei Constitucional nº 1/V/99, de 23 de Novembro (revisão de 1990).

A Lei de Bases do Ensino – Lei nº 103/III/90 de 29 de Dezembro. (1990)

FERREIRA, Ondina., *Língua Portuguesa, língua estrangeira?! Desde quando?* In: **Expresso das ilhas**, 7 de Dezembro (2005)

FERREIRA, Ondina. *O ensino da Língua Portuguesa – O caso de Cabo Verde*. XIV encontro da AULP, USP, São Paulo, Brasil. (2004)

Gomes, Aldónio. **Programa da disciplina de Língua Portuguesa**, 1º ciclo, 7º e 8º anos de escolaridade. (1997)

MATOS, Alice. **Manual de Língua Portuguesa**, 9º ano de escolaridade.

MATOS, Alice., LOPES, Amália de Melo (1997), **Programa da disciplina de Língua Portuguesa, 1º ciclo, 7º e 8º anos de escolaridade**.

MEDINA, Camilo Barbosa Levy. **Um olhar sobre o ensino do português em Cabo Verde como língua segunda**. Praia. (2004).

NEIVA, Maria Cândida. **Hespérides**, manual de Língua Portuguesa, 1º ciclo, 7º e 8º anos de escolaridade. (1996).

PINTO, Jorge Alexandre Loureiro. **Manuais de português em Cabo Verde: Que progressão gramatical? Contributos para uma didáctica da língua segunda**. Praia. (2005)

SANTOS, Ana Maria Ribeiro dos., BALANCHO, Maria José S.. **A criatividade no ensino do português**. Lisboa. Texto Editora. (1987)

ANEXOS

Questionário destinado a professores de Língua Portuguesa (nível secundário)

Enquadramento:

Este questionário é parte integrante de um trabalho final de Licenciatura em Letras do Instituto Superior de Educação. As questões que se seguem visam conhecer, por um lado, razões do insucesso (?) no nível secundário, do ensino da Língua Portuguesa. Por outro lado, visam responder à hipótese colocada: « porque será que o aluno, regra geral, não está a adquirir na oralidade e na escrita do português, competência e capacidades linguísticas ,compatíveis com os objectivos prescritos nos programas e com os anos de aprendizagem da disciplina?»

Questões:

1.É verdade que o aluno do secundário sabe cada vez menos falar e escrever em Língua Portuguesa?

2. Por que razão, regra geral, o português do secundário não é das disciplinas preferidas dos alunos?

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

3.Na sua opinião, o que está mal:

- ☐ O programa?
- ☐ Os manuais de leitura?
- ☐ A metodologia utilizada nas aulas?
- ☐ Outras razões? Quais?

[illegible]

4. Ensina o português como língua viva? Usa os meios áudio - visuais (cassetes, vídeos, canções, etc....) nas aulas de português ?

5. Com que frequência usa a Língua Portuguesa (oralidade) no seu quotidiano e em que situações:

- ☐ Formais?
 - ☐ Informais?
 - ☐ Com os colegas de trabalho?
 - ☐ Em família?
 - ☐ Apenas com um membro da família? Qual?
 - ☐ Entre amigos?
 - ☐ Noutras situações?
-
-

6. Que sugestões faria à sua escola e ao Ministério de Educação para a melhoria e eficácia do ensino da Língua Portuguesa, língua segunda?

[illegible]

Muito obrigada pela colaboração!

Praia, Abril de 2006

Questionário destinado aos professores de História

Enquadramento:

Este questionário é parte integrante de um trabalho final de Licenciatura em Letras do Instituto Superior de Educação. As questões que se seguem visam conhecer, por um lado, razões do insucesso (?) no nível secundário, do ensino da Língua Portuguesa. Por outro lado, visam responder à hipótese colocada: «Porque será que o aluno, regra geral, não está a adquirir na oralidade e na escrita do português, competência e capacidades linguísticas, compatíveis com os objectivos prescritos nos programas e com os anos de aprendizagem da disciplina?»

Questões:

1. Como encara a interdisciplinaridade entre a disciplina de História e a disciplina Língua Portuguesa?

2. Costuma ter atenção na correcção dos trabalhos escritos dos seus alunos, nos erros cometidos por eles na construção frásica?

3.Sente ou já sentiu alguma vez a necessidade de trocar impressões com o professor de Língua Portuguesa sobre as dificuldades orais e escritas dos seus alunos?

4. Na sua opinião, que fazer para melhorar a apetência, o contacto e a desenvoltura linguística (oral e escrita em Língua Portuguesa) dos seus alunos?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings on the paper.

Os nossos agradecimentos!

Praia, Abril de 2006.

Questionário destinado aos alunos (10º, 11º e 12º anos de escolaridade)

Enquadramento:

Este questionário é parte integrante de um trabalho final de Licenciatura em Letras do Instituto Superior de Educação. As questões que se seguem visam recolher junto dos inquiridos, por um lado, o seu ponto de vista sobre o estado da Língua Portuguesa no Ensino Secundário. Por outro lado, conseguir através do mesmo, dados que nos permitam concluir da necessidade de alterar a metodologia do ensino da Língua Portuguesa no nível secundário.

Questões:

1.Gostas da Língua Portuguesa? Justifica a tua resposta.

2.De entre as tuas disciplinas curriculares, em que lugar de importância colocas a Língua Portuguesa?

3.Em que situações usas a Língua Portuguesa?

- ☐ Em casa?
- ☐ Na sala de aula?
- ☐ Com os professores?
- ☐ Na rua?
- ☐ Nos serviços Públicos?
- ☐ Com os amigos?
- ☐ Em festas?

4.O teu professor utiliza metodologias atractivas para te criar o gosto de falar Língua Portuguesa?

5.Que sugestões dás para se aumentar o nível da oralidade da Língua Portuguesa no falante cabo-verdiano?

[illegible]

6.Finalmente, que dirias aos professores, para melhorarem o ensino da Língua Portuguesa?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on the right side, suggesting it's resting on a surface.

Os nossos agradecimentos!

Praia, Abril de 2006